

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

JOÃO GABRIEL MARQUES DE ARAUJO

REFLEXÕES ACERCA DE AÇÕES ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

**GUARULHOS
2019**

JOÃO GABRIEL MARQUES DE ARAUJO

REFLEXÕES ACERCA DE AÇÕES ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Pedagogia pela
Universidade Federal de São Paulo

Orientação: Profa. Dra. Betania Libanio
Dantas de Araujo

GUARULHOS
2019

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Araujo, João Gabriel Marques de

Reflexões acerca de ações artísticas na Educação Básica / João Gabriel Marques de Araujo. Guarulhos, 2019.

67 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 19.

Artistic actions in basic education

Orientação: Profa Dra Betania Libanio Dantas de Araujo.

1. Arte-educação. 2. Criação. 3. Desenho. I. Libanio Dantas de Araujo, Betania. II. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Licenciatura em Pedagogia). III. Reflexões acerca de ações artísticas na Educação Básica.

JOÃO GABRIEL MARQUES DE ARAUJO

REFLEXÕES ACERCA DE AÇÕES ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciando em Pedagogia pela
Universidade Federal de São Paulo

Orientação: Profa Dra Betania Libanio Dantas
de Araujo

Aprovação: ____/____/____

Profa. Dra. Betania Libanio Dantas de Araujo
Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos

Profa. Dra. Érica Aparecida Garrutti de Lourenço
Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos

Prof. Dra. Letícia Coelho Squeff
Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos

AGRADECIMENTOS

Ebenézer! Primeiramente, à Deus. Pois d'Ele, por Ele e para Ele, sempre, serão todas as coisas.

À minha orientadora, Betania Libanio por todas e tanta paciência durante esse meu processo de escrita, me mostrando os caminhos da Arte-Educação, sua importância e contribuição na educação brasileira.

À minha família, por todo apoio e incentivo durante esses anos. Especialmente, a minha mãe Soraia e meu pai Paulo Roberto, por sempre me mostrarem que a educação é a base.

Ao meu irmão, Paulo Henrique, por sempre me incentivou aos estudos, sendo minha primeira e principal referência.

Aos meus amigos que de alguma maneira contribuíram para a minha formação, tanto pessoal como profissional.

Ao nosso Top Five, Ariane, Alícia, Joyce, Mayara and me. Por essa longa jornada que passamos juntos. Aprendendo uns com os outros que a educação é um dos primeiros caminhos mais belos que o estudante deve ter acesso. Todos os nossos trabalhos e risadas juntos estarão guardados em minha memória.

Um mais que especial pelo time Pedagos, Ariane e Joyce, que estão comigo desde o início e permanecerão até a Eternidade. Obrigado pelos trabalhos, resenhas, leituras e risadas os quais passamos juntos. Que essa amizade, gerada por Deus e nascida na Unifesp, continue durante toda a nossa caminhada na Educação.

Às minhas amigas Sulamita e Giovanna, que me encontraram quase no final do curso, mas me proporcionaram grandes momentos de alegria entre almoços, jantares e aulas. A educação tem muito a ganhar com vocês, futuras pedagogas. Choices!

À Larissa Miyuki, chegando também na reta final e estando comigo na monitoria do Labei, que começou sendo uma loucura, mas terminou sendo um sucesso. Agradecido por sua amizade ter permanecido fora dos portões unifespianos.

Ao meu amigo Allison, por estar comigo nesta mesa área. Agradecido por todo o incentivo e reflexões que você me levava a ter sobre a educação.

À minha amiga Giulia, que ainda permanece comigo. Muito grato por nossas conversas e reflexões sobre educação. Sua amizade me inspira a permanecer lutando por uma educação, justa, pública e de qualidade para todos.

À todos os colegas e professores da Unifesp. De alguma maneira vocês me inspiram a prosseguir na educação.

À meus líderes espirituais, Bispo Maurício e Bispa Maria, e ao Presbítero Vidal e Evagelista Lenice.

Eternamente grato por suas orações pela minha vida. Ao ministério de Louvor Adoradores do Rei, pelas orações e peciência durante essa minha caminhada.

Concluindo, e ainda permanecendo junto com vocês, meus mais que amigos, irmãos em Cristo.

À todos do ministério A.D.P. Jesus é a Palavra, pelas orações e incentivos, sempre com base na Sagrada Escritura.

Por fim, à todos amigos e familiares que de alguma maneira contribuíram para que eu pudesse chegar ao fim de mais essa etapa.

“A Arte não precisa de justificativa”
H. R. Rookmaaker;

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo olhar para a Arte-educação e sua importância para as crianças na educação básica, baseado na experiência no Programa de Residência Pedagógica da UNIFESP. Observa-se a falta de importância atribuída ao ensino de Artes nas escolas. Em leituras como Barbosa e Duarte-Junior observou-se que é antiga a tentativa de silenciar as artes onde poderia ter fácil acesso: a escola. Foi realizado uma ação com uma turma do ensino fundamental I da rede pública e observado o interesse que a Arte pode despertar nas crianças, seja em um simples desenho, ou outras produções artísticas. A metodologia é exploratória consistindo em analisar uma ação que já ocorreu. O livro O Grúfalo escrito por Julia Donaldson e ilustrado por Axel Scheffler é o eixo da ação envolvendo as Artes Visuais e a Literatura. O trabalho teve como proposta atuar sobre a autoria infantil por meio de descobertas, desenhos e modelagens. Acreditamos que a educação deva investir na autoria das crianças e um caminho é aproximá-las de seus temas, dos ilustradores, dos escritores dos livros infantis, enfim, da arte.

Palavras-chave: Arte-Educação. Criação. Desenho.

ABSTRACT

This paper aims to look at Art Education and its importance for children in basic education, based on experience in the UNIFESP Pedagogical Residency Program. The lack of importance attributed to the teaching of arts in schools is observed. In readings such as Barbosa and Duarte-Junior, it was observed that the attempt to silence the arts in the space that could easily be accessed is old: the school. An action was taken with a class of elementary school I of Guarulhos public network and observed how much interest the Art can arouse in children, whether in a simple drawing or other artistic productions. The methodology is exploratory consisting of analyzing an action that has already occurred. Julia Donaldson's book *The Gruffalo* and illustrated by Axel Scheffler is the axis of action involving Visual Arts and Literature. The work aimed to act on child authorship through discoveries, drawings and modeling. We believe that education should invest in the authorship of children and one way is to bring them closer to their themes, illustrators, writers of children's books, finally, art.

Keywords: Art Education. Creation. Drawing.

Lista de figuras

Figura 1: Crianças desenham o grúfalo

Figura 2 : As crianças pintam seus desenhos com aquarelas

Figura 3 : As crianças mostram seus desenhos, estão realizadas

Figura 4: Monstros modelados em massa de farinha

Figura 5: meu monstro

Figura 6 : meu monstro desconstruído

Figura 7: Axel em sua mesa de desenho: o criador e a criatura

Figura 8: Desenho feito por Axel quando criança

Figura 9: Mesa de desenho do artista

Figura 10: Primeira versão do Grúfalo

Figura 11: versão assustadora do Grúfalo

Figura 12: Capa do livro versão final do Grúfalo com formas mais arredondadas e sorriso

Figura 13: detalhes do Grúfalo (joelhos e pata)

Figura 14: vaso grego no “Estilo de Figuras Negras” com Aquiles e Ajax jogando damas

Figura 15: momento de criação do grúfalo Fonte: autor

Figura 16: após produzirem as suas massas, as crianças modelam e pintam os seus grúfalos Fonte: autor

Figura 17: imagem completa das crianças apresentando os seus grúfalos pintados em ambientes naturais e abertos cheios de detalhes Fonte: autor

Figura 18: a mesa foi forrada com papel craft para que trabalhassem com desenvoltura. Nesse momento experimentam a aquarela sobre o seu grúfalo. A variedade de cores facilita a experimentação e descoberta Fonte: autor

Figura 19: faz pARTE Fonte: Autores

Lista de Siglas

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EF I – Educação Fundamental I

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PAP – Plano de Ação Pedagógica

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PL - Projeto de Lei

PRP – Programa de Residência Pedagógica

RPEF - Residência Pedagógica de Ensino Fundamental

QSN – Quadro de Saberes Necessários

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

Sumário

Introdução	11
1. Arte: História / Educação / Reflexão	12
1.1. A situação da Arte no Brasil e a escolha do tema na “ação pedagógica”	12
1.1. O Ensino da Arte no Brasil (VXII – XVII)	16
1.2. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte (1997)	19
1.3. Base Nacional Comum Curricular (2018)	20
1.4. Quadro de Saberes Necessários de Guarulhos	21
1.5. Relações entre Arte e Educação: uma Reflexão	22
2. Metodologia	26
2.1. Monstros no ensino.....	27
2.2. Onde nasce a inquietação.....	29
2.3. Plano de Ação Pedagógica: ação e reflexão	32
2.4. Memorial: Um olhar para as artes que dentro de mim continuam fazendo p(arte).....	41
3. Monstros, o Grúfalo e a imagem incompleta na História da Arte.....	44
Considerações Finais	54
Referências bibliográficas.....	55
Anexos.....	61

1. Introdução

Esta pesquisa¹ apresenta a arte como percurso que o ser humano deve ter direito de realizar de forma autoral. Com este foco apresentamos uma ação de criação artística com crianças do ensino fundamental I.

Para esta pesquisa escolhi relatar uma experiência na Residência porque nela pude ser, depois das crianças, o protagonista. Tive a liberdade de escolher desde a linguagem a ser utilizada até a finalização, tendo a criança como principal motivador. É isso que o Programa de Residência Pedagógica da UNIFESP permite aos estudantes de graduação do curso de Pedagogia. Ele é um modelo de estágio singular composto por horas supervisionadas nas escolas parceiras, todas públicas e na própria universidade. Nesse programa, o residente se torna responsável por uma intervenção com a turma através do Plano de Ação Pedagógica (PAP). Tendo esse trabalho uma supervisão realizada por professores da UNIFESP e da comunidade escolar. Esse programa contempla quatro modalidades do ensino, sendo elas: infantil, fundamental I, EJA e gestão escolar.

Através do Plano de Ação Pedagógico denominado “o meu, o seu e os nossos” (monstros), realizada com uma turma do ensino fundamental I, busquei através das Artes Plásticas, especificamente o desenho, a pintura e a modelagem, e da Literatura Infantil juntamente com a imaginação, entender como as crianças se viam diante de situações artísticas. E olhar também como a Arte-Educação poderia contribuir na aprendizagem escolar.

A sua organização é feita em três capítulos. O primeiro capítulo expõe um pequeno histórico sobre o ensino de Arte no Brasil (XVII-XXI) nos auxiliando na compreensão do porquê a Arte ainda nos dias atuais é vista de uma maneira elitista. Apresento uma pequena introdução ao conceito de Arte-Educação e sua importância e um breve resumo sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, a Base Nacional Comum Curricular e o Quadro de Saberes Necessários de Guarulhos.

O segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada na pesquisa. Também apresentará o Plano de Ação ressignificado a partir das reflexões sobre a Arte-Educação, realizado na

¹ O título *Arte com "A" maiúsculo: reflexões acerca de ações artísticas na educação básica* foi modificado para *Reflexões acerca de ações artísticas na educação básica*. A expressão Arte com “A” maiúsculo justifica-se pela importância da arte na vida e na escola sendo por esta subjugada. Porém por referenciar Gombrich em *A História da Arte* que critica uma noção de Arte com A maiúsculo que toma a arte como fetiche ou atividade esnobe, optamos em retirar a expressão. Mas ela se mantém por considerarmos que a sua garantia no processo educativo e em nossas vidas dão a sensação de totalidade.

Residência de Educação de Ensino Fundamental, RPEF, pela Universidade Federal de São Paulo, Campus Guarulhos.

O terceiro capítulo propõe estudos que se interligam na ação pedagógica. Neste capítulo mostramos os aprofundamentos que uma temática adquire podendo tornar-se um tema gerador, um projeto de interesse das crianças.

Capítulo 1. Arte: História, Educação, Reflexão

1.1. A situação da Arte no Brasil e a escolha do tema na “ação pedagógica”

Nos dias atuais, a Arte tem estado presente nas mídias sociais, e o debate sobre a sua função também. Dessa forma, é visto uma divergência de opiniões sobre a maneira na qual ela é exposta. Seja através da pintura, música, fotografia, dança, teatro, literatura, cinema, escultura e suas mais variadas manifestações, a Arte continua sofrendo uma tentativa de silenciamento.

Atualmente, desde o mandato do então Presidente da República eleito em 2019, estamos enxergando um retrocesso à Arte e suas expressões, o que também ocorreu na Ditadura Militar, durante 20 anos, entre os anos de 1960 a 1980.

A política anti-cultural do atual governo começou pela extinção do Ministério da Cultura cumprindo a promessa de campanha²:

Nesse caso, você está rebaixando o estatuto institucional da pasta sem ter consolidado essas políticas. Se fôssemos um país desenvolvido, com 40 ou 50 anos de tradição em políticas culturais fortes, independente da estrutura administrativa, essa alteração poderia não ter feito tanta diferença, mas não temos isso. A sociedade ainda não compreende a cultura como parte de uma agenda política de desenvolvimento do país.

Segundo o ex-ministro Juca Ferreira³ Bolsonaro “resolveu declarar guerra à arte e à cultura”. Se por um lado temos um grupo e seu governante que enfraquecem a nossa expressão artística brasileira por outro lado temos o ensino da arte com antigas vitórias em seu processo de consolidação enquanto disciplina com a LDB de 1996.

Retrocendo no tempo e chegando em 1971, Ana Mae Barbosa (2015) relata que a fase ditatorial brasileira “[...] tornou obrigatório o ensino da Arte Polivalente (p.20). Polivalente, pois nela o professor ensinaria todas as Artes, tendo apenas uma pequena formação em sua

²BRASIL de Fato. “Política cultural do Bolsonaro é anticultural”. Especialistas dizem que extinção de Ministério da Cultura ameaça principais ações do setor. Pedro Rafael Vilela. Brasil de Fato | Brasília (DF), 11 de Janeiro de 2019

³ Arte! Brasileiros. Juca Ferreira: Bolsonaro “resolveu declarar guerra à arte e à cultura”. Marcos Grinspum Ferraz -26 de abril de 2019

carreira para o exercício dessa docência. Além disso, todas as manifestações artísticas passavam pelo aval da censura para serem ou não expostas.

Da mudança do Projeto de Lei, PL, da Educação Artística para a Lei de Diretrizes e Bases, LDB, da disciplina Artes, da criação da Constituição Federal de 1988 à abertura democrática, à criação dos fóruns de educação, muitas lutas e estudos foram travados. Porém nada permanece sem vigília e parece que estamos sem estesia (preparados à arte) ao contrário estamos anestesiados. E quando um povo permanece anestesiado perde tudo o que foi construído com luta.

Então da “consolidação” da disciplina de artes até o limiar do séc. XXI paira uma pergunta que todos, alguma vez na vida, já fizeram, “a Arte serve para quê? E dentro da escola não é diferente, pois ouvimos essa mesma pergunta nas palavras das crianças, mas de outra forma. Será que nós, professores e professoras, ligados ou não à Arte, sabemos responder à essa pergunta? Nossa formação na área das humanidades nos mostra o caminho para essa e outras perguntas? Ou devemos deixar para que sejam respondidas pelos educadores especializados da área?. Os futuros pedagogos e pedagogas saberão responder a essa pergunta quando forem questionados pelas crianças?

No Brasil, segundo o Guia do Estudante (2019), plataforma online onde estudantes podem obter mais informações sobre o ensino superior no Brasil, no curso de Licenciatura em Pedagogia, todas as 5 primeiras são Universidades Públicas. Entre as duas de maior destaque se encontram a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Dentre elas, apenas a UFSCAR possui a disciplina obrigatória de Artes Visuais. Sendo assim, hoje, o profissional em Pedagogia em sua formação polivalente (Cruz & Neto, 2012)

seria um sujeito capaz de apropriar-se e articular os conhecimentos básicos das diferentes áreas do conhecimento que compõem atualmente a base comum do currículo nacional dos anos iniciais do ensino fundamental, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar. (p. 387).

A sua futura formação artística já começa a sofrer uma defasagem logo no início. Tudo isso por entrar em sala de aula com o foco nas linguagens cuja sociedade considera como essenciais, Língua Portuguesa e Matemática validada por sua própria formação acadêmica prioriza.

Ainda que este não seja o objetivo central desta pesquisa, foi necessário esta pequena introdução para que possamos compreender que as Artes sofrem perseguições desde o século passado, refletindo hoje em seu ensino, na formação do educador e dos seus futuros educandos, sendo esses últimos, o foco desta pesquisa.

A partir dessas inquietações que percorreram toda a minha trajetória de licenciando em Pedagogia, pude percebê-las mais presente na minha atuação como Residente do Programa de Residência Pedagógica no Ensino Fundamental I do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo - Campus Guarulhos.

Trata-se de uma modalidade de estágio presente na licenciatura que visa a participação das crianças matriculadas a partir do 5º termo do curso, em turmas do Ensino Fundamental I, com atendimento à crianças de 6 a 10 anos da Rede Pública de Guarulhos, no qual “pretende superar a distância entre teoria e prática, usualmente, presente na formação desses profissionais” (MANUAL DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA, 2014, p.11).

Essa modalidade é composta de 105 horas, onde 80h são referidas às atividades práticas de imersão na escola e 20h com estudos correlatos que são desenvolvidos individualmente e em reuniões na UNIFESP, sendo todas estas atividades supervisionadas por professoras(es) formadoras(es) do curso de Pedagogia que realizam o trabalho de preceptoria, orientando e acompanhando as atividades que são desenvolvidas ao longo de toda Residência, sendo a construção de um diário de campo semanal, a indicação de leituras e as discussões de artigos acadêmicos que irão fundamentar o trabalho e a supervisão da imersão e a elaboração de um Plano de Ação Pedagógica (PAP).

A elaboração de um PAP⁴ faz parte do PRP, sendo uma prática docente em que o residente, juntamente com a classe, assume a realização de uma intervenção através de uma ação pedagógica.

O Programa busca quebrar a barreira que existe entre o professor já atuante em sala de aula e a criança ainda em formação. Ele “pretende superar a distância entre teoria e prática, usualmente, presente na formação desses profissionais” (Manual do Programa de Residência Pedagógica, 2014, p.13).

Ainda neste Programa, os estudantes de Pedagogia são chamados de Residentes, que atuam nas chamadas Escola-Campo, escolas essas que possuem convênios com a Universidade. Eles frequentam uma turma do EF I⁵ fazendo observações juntamente com o Professor desta classe, chamado de Professor Formador.

Diferente dos estágios em licenciaturas de outras universidades, o PRP compreende que os residentes não são apenas estudantes universitários que se encontram nas escolas para

⁴ Plano de Ação Pedagógica

⁵ Ensino Fundamental I

o cumprimento de uma modalidade do currículo, mas sim futuros educadores comprometidos com o que Paulo Freire (1968) intitulou de Práxis, a “[...] reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-los” (p.52). Sendo importante para a formação do professor, não considerar-se como o detentor do conhecimento, mas que levará seus futuros alunos a pensarem e agirem sobre tudo que os cerca.

Além disso, para um futuro pedagogo que irá lidar com a polivalência dentro da sala de aula, é importante entender que todas as disciplinas tem sua importância e juntas trazem um rico aprendizado para o professor e seus alunos. Estar imerso nesse Programa, nos leva a ter um novo olhar também para a formação de professores entendendo que o estágio, assim como as demais disciplinas obrigatórias do curso, serão de grande importância para esse Educador devendo valorizá-las como uma forma de unir saberes juntamente com o professor que se encontra já atuante em carreira.

Entendemos que naquele momento também é um educador, pois torna-se referência às crianças e que seu papel é levá-las a se reconhecerem como futuros agentes transformadores e produtores de conhecimentos. E a educação pode tornar isso possível.

Portanto para esta pesquisa escolhi relatar essa experiência na Residência porque nela pude ser, depois das crianças, o protagonista. Tive a liberdade de escolher desde a linguagem a ser utilizada, até a finalização final. Tudo isso, tendo a criança como principal motivador, pois a falta de produções artísticas entre eles era visível.

Durante toda a minha estadia, não houve com eles um único trabalho artístico, pois tudo era voltado ao ensino de outras linguagens. E isso me inquietou a realizar com eles um trabalho artístico com o intuito de não somente eles serem contemplados, mas também a professora-formadora. O objetivo era que todos pudessem entender a importância das Artes no ensino e sua contribuição, seja ela formador e/ou social.

Através do meu Plano de Ação Pedagógica denominado “o meu, o seu e os nossos (monstros), e da temática sobre Monstros, realizada com uma turma do ensino fundamental I, busquei através das Artes Plásticas, especificamente o desenho, a pintura e a escultura, e da Literatura Infantil juntamente com a imaginação, entender como as crianças se viam diante de situações artísticas que não faziam parte de sua rotina escolar. E olhar também como a Arte-Educação pode contribuir na aprendizagem escolar. Com isso, levá-los a entender que a Arte não é a reprodução de imagens prontas.

Trabalhar a temática Monstros foi uma escolha a partir do livro Infanto-juvenil chamado: O Grúfalo, de Julia Donaldson. Nele, a imaginação é presente do início ao fim pois leva o leitor a pensar o que seria um Grúfalo.

O objetivo era mostrar que para criar é preciso primeiramente imaginar. Essa imaginação faria parte da aprendizagem, pois segundo Smólka e Laplane (2005) conseguiram relacionar as novas práticas às suas práticas já construídas, trouxe o assunto monstros e contação de história para dialogar com outras linguagens existentes. Apropriando-se delas utilizariam em outras práticas futuras.

A sua organização é feita em três capítulos. O primeiro trará um pequeno histórico sobre o ensino de Arte no Brasil (XVII-XXI) para que ajude na compreensão do porquê a Arte hoje é vista de uma maneira elitista. Uma pequena introdução ao conceito de Arte-Educação e sua importância. Um breve resumo sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, a Base Nacional Comum Curricular e o Quadro de Saberes Necessários de Guarulhos. Este último sempre presente do PRP. O segundo capítulo apresentará a metodologia utilizada na pesquisa. Também apresentará o Plano de Ação ressignificado a partir das reflexões sobre a Arte-Educação. O terceiro trará uma reflexão sobre o trabalho com monstros na sala de aula. Sobre a sua importância no Plano e mais refletido nessa pesquisa.

1.2. O Ensino da Arte no Brasil (XVI – XVII)

Não vivemos sem a arte porque ela ressignifica a realidade, precisamos das imagens, do teatro, da dança, dos sons. A arte está sempre conosco apesar de muitos não saberem.

Todavia se a Arte, hoje no Brasil, é vista de uma maneira elitista, de difícil compreensão e de pouco acesso por parte da maioria da população, é preciso voltar no tempo e entender como o ensino deste conhecimento se iniciou neste país. Desde a Contrarreforma, com os Jesuítas, até a Arte Contemporânea, nos dias atuais, o ensino da Arte passou por profundas transformações, sendo chamada hoje de Arte-Educação, conceito este que iremos compreender ao longo deste trabalho.

Os jesuítas chegaram ao Brasil juntamente com a Contrarreforma da Igreja Católica, que contrapunha a Reforma Protestante, proposta por Martin Lutero. Reforma esta que teve uma grande influência por estar baseada no princípio de que todos tinham direitos e deveres no acesso ao ensino e, que também este ensino deveria ser obrigatório e gratuito, por isso “o protestantismo é pois um movimento determinante na criação das escolas e escolarização das massas” (GAUTHIER, 2010, p. 129).

A Contrarreforma da Igreja Católica surge contrapondo a Reforma Protestante, percebendo que não bastava “pregar e ouvir confissões; é necessário estabelecer um instrumento ainda mais eficaz para dominar as almas. Em consequência, também eles fundam

escolas” (GAUTHIER, 2010, p. 130), dando origem a comunidade Jesuíta, que cria colégios em diversos lugares para a educação e catequização dos indígenas brasileiros.

Ainda que a produção artística católica fosse forte na época, essa educação aconteceu por meio da evangelização missionária, que prioriza sempre a eloquência, diferente dos indígenas que tinham no trabalho manual e artístico seu poder de comunicação.

Enxergando esse segundo ponto, e em como ele seria útil para a sobrevivência das escolas, que precisavam ser mantidas na época, Ferreira Jr. & Britta (2012) nos mostrarão em seu artigo que a “Companhia de Jesus, [...] estabeleceu como estratégia de atuação adquirir e manter propriedades produtoras de manufaturas com o objetivo de financiar os seus colégios espalhados mundo afora” (p.704).

A partir disso, o exercício de certos fazeres artísticos, era melhor trabalhado com todos no qual a comunidade Jesuíta queria catequizar. Iniciando assim um pensamento que continua até hoje, de que a Arte não tem significado e nem valor quando se trata de educação, servindo apenas para reprodução de trabalhos manuais, sem a consciência de sua importância nas vidas daqueles que a utilizam para se comunicarem.

A partir do século XIX, sobre a influência advinda da Europa, mais especificamente da França, em 1816 chega ao Brasil a Missão Francesa. Eram artistas franceses que “vieram organizar a nossa primeira escola de artes e de ofícios” (BARBOSA, 2015, p.40).

Inicialmente seria um ensino pensado na gravura, pintura e arquitetura, ofícios que eram direcionados ao trabalho, e em sua ideia original, Bachelier, que havia introduzido esses ofícios na França, não esperava que houvesse uma dicotomia entre os alunos frequentadores da escola. Apesar disso, os alunos frequentadores eram em sua maioria os da classe aristocrática, entendidos hoje como a classe burguesa da época. Sendo este o início de um pensamento que se perdura até os dias de hoje, de que a arte é algo elitista e para poucos.

Um tempo depois, em meados de 1870, começa a se pensar no Ensino do Desenho na escola, sendo Rui Barbosa (1849-1923) o precursor inicial. Ele acreditava na relevância deste ensino, que na época, seria um auxílio para o trabalho industrial. Segundo Barbosa (2015) esses pensamentos eram baseados nos modelos do arte-educador Walter Smith, sendo introduzidos no Brasil através do jornal O Novo Mundo.

“O Novo Mundo destacou em várias notícias e artigos o aspecto de democratização da arte e do desenho[...]” (BARBOSA, 2015, p.47). Smith enxergava no desenho, sendo eles os geométricos, uma oportunidade para o crescimento da produção industrial e do ensino de desenho entre a população. E que futuramente, passariam a integrar os ginásios brasileiros.

Com o início do século XX e o advento do Modernismo, as chamadas Escolinhas de Arte são criadas, constituindo-se um “movimento que se estendeu por todo o Brasil em direção a salvar pela Arte o espontaneísmo da crianças, sua liberdade de expressão” (BARBOSA, 2015, p.19). Não se buscava uma cópia ou reprodução do já estava pronto, e sim uma verdadeira expressão dos alunos.

A partir de 1970, começa a surgir a expressão Ensino da Arte. Nesta época, a ditadura se encontrava em ação no Brasil que “[...]durou 20 anos, suprimiu a liberdade de expressão, prendeu, torturou, matou, exilou e tornou obrigatório o ensino da Arte Polivalente” (BARBOSA, 2015, p.20).

Juntamente a isso, se dava o período Tecnista e com a Lei n. 5.692, o ensino de Arte se torna obrigatório, mas por conta deste período, a polivalência continuava presente, e a formação que esses professores recebiam era de apenas dois anos, já com o nome de Educação Artística. O mesmo ocorreu com todas as demais licenciaturas, nelas os professores formaram-se em dois anos: Matemática e Ciências, História e Geografia, Língua, Educação Física, ...

Ainda com todos esses “avanços”, o ensino de Arte não obteve sucesso, tendo este período durado até os anos 1980. Com o fim da Ditadura Militar, se inicia o chamado Pós-Modernismo, sendo esse um período de ouro para os chamados Arte-educadores.

Para nós do ensino do ensino da Arte, a década de 1980 é que foi revolucionária. Tivemos a Semana de Arte e Ensino; o Festival de Campos do Jordão para os arte/educadores; a revista *Ar'te*; o Congresso sobre História do Ensino da Arte; o Congresso Mundial da Insea; o Congresso de ensino da Arte e sua História; a criação dos Cursos de Especialização e linhas de pesquisa em Ensino / Aprendizagem da Arte no Mestrado e Doutorado na ECA/USP e a conquista das pesquisas artísticas como teses e dissertações. (BARBOSA, 2015, p.20-21)

A Arte e seu ensino começavam a ganhar um outro valor, de reconhecimento e importância. Com todos esses eventos acontecendo, a formação em Artes também cresceu e se configurou, deixando para trás o ensino da Arte polivalente, e sabendo que ela vai muito além da reprodução e cópia.

No início do século XXI, a insatisfação em se entender Arte começa a surgir juntamente com a Abordagem Triangular (Produzir, Refletir e Contextualizar), proposta por Ana Mae Barbosa, educadora brasileira. Ela buscava uma arte que estivesse voltada para todos, sem uma hierarquização.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013, p.114) a partir do artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases prevê a obrigatoriedade do ensino de arte no

Ensino Fundamental, no qual compreende as linguagens de Artes Visuais, Dança, Teatro e Música.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) buscam trazer ao professor um caminho pelo qual ele pode percorrer, e com o ensino de Artes um auxílio para sua compreensão em sala. E a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, ano,p.193) segue tendo em seu currículo o chamado componente curricular Arte, nos quais fazem parte das chamadas competências, nas quais essas os educandos irão adquirindo ao longo de sua jornada escolar.

Esse pequeno resumo sobre a introdução da Arte no Brasil nos mostra que a sua luta é constante e desafiadora. A partir desse breve histórico começamos a compreender que a Arte não é um conteúdo que está pronto, em um pedaço de papel que é distribuído aos alunos. Ela é uma construção, que vai ocorrendo no processo do dia a dia, com o auxílio do olhar, no qual comunica o que as Artes Visuais querem transmitir. E tendo a Educação como sua aliada, o ensino dos futuros aprendizes só tem a ganhar.

1.3. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte (1997)

Embora a Arte e seu ensino tenham percorrido um caminho em meio a pedras de diversos tamanhos, a garantia de seu ensino nas escolas teve a contribuição de dois grandes documentos educacionais brasileiros: os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e a Base Nacional Comum Curricular. Apresentar um breve panorama é conhecer o que se espera dos educandos em sala quando nos referimos o ensinar pela Arte.

Começamos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte (1997). Ele é um documento destinado ao professor que irá lecionar a disciplina específica referente a sua formação, podendo ser utilizado pelo professor polivalente também.

Todos os PCN's possuem em sua visão o educando e sua vivência mundo afora, fazendo com que os conhecimentos que venham a ser adquiridos sejam colocados em prática dentro e fora da sala de aula, sempre tendo por trás uma reflexão, um paradoxo, “é apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres” (PCN, 1997,p.). Nestes documentos podemos enxergar nas entrelinhas a práxis, de Paulo Freire (ano) sendo empregada, ou seja, o educando remando contra a maré, o senso comum da educação.

Eles trabalham com os chamados *objetivos*. A partir deles é esperado dos educandos, que ao chegarem ao final de cada etapa da educação básica sejam desenvolvidos para atuarem em sociedade. Há uma relação das questões pessoais e sociais, de conhecimento e

desenvolvimento. A partir de seus objetivos, é montada sua estrutura que nos mostra desde os objetivos, a características das áreas trabalhadas e os ciclos nas quais são trabalhadas.

Referente ao PCN (1997) ligado à Arte, sua estrutura é dividida em duas partes. Sendo a primeira uma apresentação à linguagem Arte, mostrando um pouco da história de seu ensino no Brasil, sua colocação como aprendizagem no ensino fundamental, e quais são os objetivos e os conteúdos a serem ministrados.

Todos de uma maneira didática para que o educador, não somente o especialista na área, mas também para o polivalente, se familiarize. A partir da segunda parte, são apresentadas as linguagens artísticas que serão trabalhadas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Todas elas sendo protagonistas próprias, sempre com o intuito de trazer o educando como um criador.

Por fim, são apresentadas recomendações sobre como o educador poderá avaliar os conteúdos que foram ministrados e com orientações.

1.4. Base Nacional Comum Curricular (2018)

A Base Nacional Comum Curricular (2018) até chegar ao que é hoje, passou por modificações, todas com o intuito de olhar para o educando que inicia sua jornada estudantil desde a primeira etapa da educação básica, sendo a Educação Infantil, até a última, o Ensino Médio. Sendo essa última versão (2018) realizada a inclusão do Ensino Médio, onde segundo eles para “assim, atingirmos o objetivo de uma Base para toda a Educação Básica brasileira” (2018, p.5).

Sua estrutura é apresentada por competências, os educandos conhecem conforme avançam nas etapas da educação básica. Em sua introdução, sendo apresentadas as competências gerais, nos mostram os diferentes conhecimentos que irão desenvolver, não somente ligados as linguagens apresentadas, mas também no convívio em sociedade.

Nas três etapas da educação básica, sempre em seu início, um breve contexto é apresentado sobre cada uma delas. Com os direitos que todos possuem em relação a educação. É esperado que todos, em todas as etapas, desenvolvam o que chamam de competências que “pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (2018, p.25). Não daremos um destaque maior à elas, pois nosso intuito é focarmos no ensino de Arte na primeira etapa do Ensino Fundamental.

O chamado componente curricular Arte, possui suas quatro linguagens apresentadas: Artes Visuais, Música, Dança e Teatro. Apresentando um breve resumo sobre o porquê de

trabalharemos com as quatro artes. “Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas” (2018, p.193). A partir delas, são propostas as chamadas dimensões do conhecimento, sendo: a Criação, a Crítica, a Estesia, a Expressão, Fruição e Reflexão. Todas contribuindo para que os educandos adquiram as competências que são específicas desse componente curricular e todos relacionados as duas etapas do Ensino Fundamental.

Sendo os PCN's um documento mais antigo e a BNCC em versão final mais recente, ambos possuem uma grande contribuição para o ensino, mais especificamente na Arte. Conseguem apresentar um norte para que os educadores consigam iniciar seus ensinamentos. Servindo como auxílio e não como uma regra a ser seguida à risca, pois sabemos que em todas as escolas existem especificidades dos educandos, na comunidade escolar e familiar e nos próprios educadores. Não é impor um modo de dar aula, mas apresentar um caminho para que se encontrem conhecimentos individuais em cada um dos educandos. Conhecimentos estes que a Arte pode contemplar, dar consciência e compartilhar.

1.5. Quadro de Saberes Necessários de Guarulhos (2009)

Referente ao Quadro de Saberes Necessários (2009), se faz necessário uma breve apresentação justamente porque ele é um documento que todos os residentes fazem uso nas Residências Pedagógicas, porque as escolas da Rede de Guarulhos utilizam ele como um referencial no ensino básico. Este documento foi construído com base nas experiências educacionais de educadores da Rede Municipal de Guarulhos. Sua proposta é tida como inovadora para essa que é a segunda maior cidade do Estado de São Paulo. A visão deles não é impor um documento que seja único, mas

[...] é um documento vivo, podendo ser alterado a partir dos diferentes olhares que para ele serão dirigidos, no cotidiano das nossas escolas. Além disso, será um norteador das nossas ações, servindo como um referencial, tanto para pensarmos numa proposta de formação permanente, como para o planejamento do dia-a-dia da sala de aula. (2009, p.3).

Sobre sua estrutura, ele nos introduz em questões que fazem parte do cotidiano de todo educador, entre as quais posso destacar o questionamento que é feito sobre quem são os educandos e sobre a educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Em seguida são apresentados cada etapa da educação básica, sendo elas a Educação Infantil, Fundamental I e II e a Educação de Jovens e Adultos. Esse documento não contempla o Ensino Médio porque na cidade de Guarulhos, essa etapa é apenas oferecida por escolas estaduais.

Nesse documento, nas três etapas educacionais nos apresentam a Concepção, Finalidade e os Eixos, mostram o que seriam esses eixos a serem ministrados aos educados.

Em relação ao Eixo de Arte, tido apenas no Ensino Infantil e Fundamental. Eles apresentam o sentido que essa linguagem tem com os saberes que serão apresentados aos educandos. Referente ao primeiro eixo é apresentado um pequeno texto sobre o porquê ensinar a Arte e as suas consequências nas vidas dos educandos. No segundo eixo, com os chamados Saberes, a partir das aprendizagens obtidas pelos educandos, apresentam o que se espera de aprendizagem em todas as linguagens artísticas: Artes Visuais, Música, Dança e Teatro. Para além do "ensinar" Arte, seria preciso conhecer o contexto do conhecimento artístico apresentado.

1.6. Relações entre Arte e Educação: uma reflexão

Conforme introduzido anteriormente, atualmente, nas escolas da Rede Pública, o ensino de Artes, que antes era denominado Educação Artística, se mantém no currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio como uma disciplina obrigatória a ser lecionada. Através da Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996, p.16), no Art. 26 “§ 2º O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Hoje, as turmas possuem duas aulas de Arte por semana, com duração de cinquenta minutos cada. Durante mais de uma década observou-se que o educador de arte precisa se organizar entre: ministrar o conteúdo obrigatório presente nos currículos escolares, realizar a chamada dos alunos presentes, anotar todos os conteúdos que são dados em seu diário e por fim estar atento a turma para que nada saia do planejado.

O Pesquisador deste trabalho de conclusão de curso, observou como estudante que foi da educação básica, um desinteresse com essa “disciplina”. Aqui, prefiro chamá-la de conhecimento, pois o termo disciplina, remete ao que as políticas atuais governamentais querem fazer com a educação brasileira. Enquadrá-las em regras e obrigações, que visam sobretudo o mercado e não o ensino, e que sejam seguidas por todos, seja educador ou educando.

Na contramão governamental, existe a chamada Arte-Educação. Segundo Duarte Jr. (2009, p.12) “Uma educação que partisse da expressão de sentimentos e emoções. *Uma educação através da arte*”. Através dela, pode perceber que a Arte se faz presente na vida das pessoas desde o seu nascimento, antes mesmo de entrarem na escola, ainda que indiretamente.

A escolha dos mobiliários, cores e formas das futuras roupas, brinquedos e utensílios a serem utilizados por essas crianças, tudo ainda presente no imaginário dos futuros pais. E o que sustenta essa imaginação é o nosso contato anteriormente com algum tipo de arte. Sendo esse contato fortalecido dentro da escola.

Os sentidos que as Artes Visuais podem proporcionar para os educandos começam a ganhar concretude dentro da sala de aula. Por isso a importância de enxergar a Arte como um conhecimento próprio e disparador de novos significados para o ensino, "[...] a Arte, ao lado da Filosofia e da Ciência, se constitui num modo privilegiado, por meio do qual o ser humano procura compreender e representar o mundo material e simbólico que o cerca" (CHRISTOV & MATTOS 2006, p.26).

Entender porque a sua ausência não nos causa preocupação assim como uma futura ausência da Língua Portuguesa e da Matemática é de assustar. Será que conseguimos traçar como foi o nosso caminho artístico a partir do momento que iniciamos na Educação Infantil até o Ensino Médio? Lembrar que o lúdico é sempre presente no E.I. é imaginar que a Arte se fará presente. Mas somente entregar papéis e lápis de cor para as crianças e deixarem-nas “livres” não é ensinar e nem produzir Arte. Até porque a reprodução de desenhos prontos poderá ser o primeiro recurso que o educador, sem uma orientação e formação, poderá utilizar.

Conforme os anos se passam, entra em cena o Ensino Fundamental e com ele a rotina escolar e o ensino seriado, fazendo com que a Arte seja deixada em segundo plano. Ainda que hoje o Futuro(a) Pedagogo(a) tenha em seu currículo acadêmico uma disciplina que seja relacionada ao ensino de Arte na sala de aula, ele não é totalmente formado para essa área do conhecimento. Uma das justificativas poderia ser a carga horária proposta pelo MEC em relação aos cursos de Pedagogia no Brasil. Segundo o Art. 1º da Resolução CNE/CP 2, de 19 de Fevereiro de 2002.

A carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, será efetivada mediante a integralização de, no mínimo, 2800 (duas mil e oitocentas) horas, nas quais a articulação teoria-prática garanta, nos termos dos seus projetos pedagógicos[...] (p.9).

Priorizando a história da educação, não menosprezando sua importância para um futuro educador, e deixando de lado outros conhecimentos também importantes para a formação não dará ferramentas necessárias para esse professor oportunizar a educação do sentimento só possível pelas áreas que se instrumentalizam das simbologias.

Em nossa trajetória como estudante da educação básica encontramos a padronização de “trabalhos artísticos” nas escolas, eliminando a criatividade trazida de fora pelo educando, e quando essa criatividade deseja ser explorada por ele, é vista como um erro pelo professor. Assim como as outras disciplinas, o ensino da arte carrega consigo normas e padrões confusos a serem seguidos: desenho realizados apenas nos cadernos de arte cujas folhas precisam ter margens de 3 cm feitas pelos próprios alunos. Deixando essas expressões encaixotadas em um pedaço de papel. Podemos questionar a origem da invenção da margem e certamente alguém dirá, me ensinaram assim e eu continuo a exigir esse procedimento. É como o conto da família que corta a cabeça e a barbatana do peixe ao colocá-lo para assar, mas não sabem que a bisavó fazia isso porque a sua forma era pequena. As posteriores gerações compraram fôrmas maiores mas continuam perdendo parte do peixe. Essa é a história da margem.

A própria disciplina de arte foi sendo centrada em desenhos prontos, apenas para serem pintados, a partir da segunda etapa do ensino fundamental e durante todo o ensino médio, o foco é nos apostilados, não tendo a criança e o adolescente a chance de explorar seus fazeres artísticos, fazendo com que a arte perca o sentido para eles.

Para que as crianças se expressem por meio da arte, elas buscarão referências do que as cercam. Por estarem a maior parte de seu tempo na escola, seu referencial será os aprendizados que tem contato, e o professor estando atento a isso, poderá usar da transdisciplinaridade para uma melhor expressão, “toda expressão tem conteúdo, mesmo que ela pareça referir-se primeiramente à própria arte. Para se expressar, você deve expressar alguma coisa” (Soucy, 2010, p.41).

Ainda que o educador acredite que a arte só tenha uma serventia, essa expressão dos alunos ajudará na significação dos conteúdos aprendidos dentro e fora da sala de aula. Será uma espécie de espiral que liga a ação-reflexão juntamente com o planejamento-ação, estando ambos conectados.

No campo educacional, nas últimas décadas, dois conceitos estão fazendo parte das aulas de muitos educadores, são eles a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade. O primeiro se encontra presente nas salas de aula, advindo da formação do professor e sendo colocando em prática durante sua atuação.

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzido por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles — questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu. Refere-se, portanto, a uma relação entre disciplinas. (PCN, 1997, p.31)

O segundo conceito citado, mas não muito utilizado, talvez por sua definição mais complexa, é o de transdisciplinaridade. Pode ser referido como algo além dos muros da escola, pois o mesmo não permanece apenas dentro da sala de aula, mas se expande conforme é trabalhado pelos educadores.

Busca um rompimento com as chamadas disciplinas separadas, pertencentes ao currículo escolar. É nele onde todas buscam alcançar o conhecimento, sendo importante a participação de todas neste trabalho. E por muitas vezes esse educador fazendo uso da interdisciplinaridade, acredita estar se utilizando dos conteúdos educacionais para uma aquisição de conhecimentos múltiplos pelos seus alunos, mas na verdade a prática da escrita se encontra integralmente, mal sabendo que existem outras formas de se ler e escrever o mundo, sendo uma delas, por meio da arte.

Nos dias atuais a educação tem sido o centro das atenções nas esferas públicas, por uma prática dentro da sala de aula que não tem acontecido criativamente. Vivemos ainda um tempo de dizeres que parte de educadores causariam doutrinação ideológica em seus alunos, são ditas por diversas fontes midiáticas e ainda por pessoas que nunca entraram em uma sala de aula e/ou não fazem parte da área da educação.

O professor que busca uma transdisciplinaridade em sua sala de aula foge dos padrões e isso é tido como uma anormalidade, pois se o próprio governo possui orientações educacionais, é esperado por eles que o professor apenas cumpra o que está escrito, sem alterações ou questionamentos.

A cultura escolar é nítida nessa hora, cultura essa que não os permitem usarem sua própria imaginação artística, de experimentarem a arte como um direito, de perceber que a todo o momento ela se faz presente e possui um real significado em suas vidas “A arte é o direito que temos a ter esperança e projetar-se” (Artes visuais nos anos iniciais do ensino fundamental, 2017, p.17).

Trabalhar as linguagens artísticas é mais do que cumprir uma especificação pedagógica, é oferecer um outro significado para o modo como as crianças enxergam, aprendem e se utilizam das diferentes expressões artísticas.

Capítulo 2. Metodologia

Na pesquisa acadêmica, iniciamos com a pesquisa bibliográfica. Reunindo autores e documentos que nortearão este trabalho, a fim de auxiliar no caminho a ser percorrido, pois segundo Almeida Junior (1989) seguindo nessa direção, e a partir do tema trabalhado aqui, seremos guiados a outras pesquisas e dados já relatados sobre o assunto. Partindo antes das inquietações que surgiram no Programa de Residência Pedagógica no que se refere ao ensino da Arte.

Para que seja realizada essa reflexão, é importante entender como os documentos referenciais educacionais discutem a Arte no interior da escola. Compreendendo isso com o auxílio dos Parâmetros Curriculares Nacionais, da Base Nacional Comum Curricular e do Quadro de Saberes Necessários de Guarulhos⁶, este último importante é leitura dos residentes durante as suas imersões no PRP.

Para que se compreenda e encontre caminhos para essas inquietações, a área de Arte/Educação consegue nos apresentar algumas respostas. Especificamente no Brasil, a educadores e especialista Ana Mae Barbosa é uma das maiores referências nesta pesquisa. Algumas de suas obras serão utilizadas como referências, sendo elas: Redesenhando o desenho: educadores, política e história”, no qual ela apresenta o ensino do desenho no Brasil e a sua perseguição na era do Estado Novo. Mostrando o caminho no qual percorreu para estar presente hoje nas salas de aula. Outra obra será: Arte/Educação Contemporânea - Consonâncias Internacionais, este no qual é organizadora e apresenta diversos especialistas na área de Arte e Arte/Educação, trazendo pontos importantes referente ao ensino contemporâneo da Arte e a formação de professores nessa área específica

⁶ O QSN é um documento escrito pelos professores da rede municipal de Guarulhos e atualizado por meio de leituras que ocorrem nas escolas.

O também professor, João Ferreira Duarte Junior, nos guiará pela compreensão do “Por que Arte-Educação?” (2009). Não somente entendendo o seu significado na teoria, mas a sua contribuição quando é colocada em prática na educação. Apontando caminhos para um olhar mais aprofundado sobre as características da arte na vida dos alunos e do próprio professor.

Utilizando o registro no chamado caderno de campo, sendo esse uma espécie de guia para a elaboração do PAP, o PRP apresenta aos futuros educadores a importância do registro em sala, visto hoje como uma obrigação a ser cumprida pelo professor da rede pública, mas que contém uma grande contribuição para o educador refletir sobre o seu ensino e o processo de aprendizagem de seus educandos. Para um residente, é começar a tomar conhecimento sobre a sua formação e como diz Luciana Ostetto, possuindo auxílios que contribuirão para o seu crescimento educacional como professor. Com ele, desde o início nos colocamos no papel de observadores e participantes, de todos os acontecimentos dentro da sala de aula.

Esse é um breve caminho a ser percorrido a partir de algumas inquietações, elas podem mostrar a caminho no qual devemos seguir, nunca com uma resposta exata, pois se tratando de uma primeira entrada, cada passo é dado com atenção. São descobertas que nos instigam a buscar mais, pois todo conhecimento sempre é bem vindo, sendo ele imensurável como a areia do mar.

2.1 Monstros no ensino

A partir da criação, nosso imaginário consegue nos transportar às mais diversas situações e estados emocionais. Desde o medo até a coragem, tudo passará por ela a fim de podermos manifestar nossos sentimentos exteriormente. A chamada imaginação, segundo Vigotski (2009) “[...] designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade[...]” (p.14).

E sabemos bem que as crianças conseguem usufruir delas em praticamente todas as atividades e brincadeiras em que elas participam. Partindo dessa imaginação, Vigotski (2009) ainda continua dizendo que “na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica” (p.14). E para que isso ocorra, como dito anteriormente, a Arte consegue auxiliar e por meio delas demonstramos sentimentos e emoções que a olho nu, não seria possível.

Desde a Antiguidade até a Modernidade, os monstros por algum momento, fizeram parte de nossas infâncias, sempre apresentados por adultos de nosso íntimo convívio. São

seres presentes nas mais diversas culturas por meio de histórias que nos eram contadas na infância. Histórias essas, em sua maioria fictícia, as vezes com o intuito de nos causar medo ou nos ensinar algum ensinamento.

Atualmente nas escolas, os chamados contos de terror, com seres monstruosos, não são tão presentes nas escolas. Talvez por questões religiosas ou por acharem que esses tipos de contos podem causar estranhamento ou medo nas crianças. Por isso, na maioria das vezes, nem são apresentados, deixando a criança crescer sem experiências literárias nesse mundo de monstros. Sendo a única referência delas, os filmes infantis que apresentam monstros e criaturas estranhas, mas de uma maneira humanizada, onde não se espera causar medo, mas interesse pela história contada. Trabalhar o monstros com crianças é despertar reações de curiosidade e interesse por meio de relatos antes obtidos apenas em contos infantis, onde os monstros chamam a atenção, mas por sempre serem seres do mal.

Atualmente damos o nome de monstros, mas para as crianças uma fala que sempre se ouve é a de que eles na verdade são “bichos”, e nas mais diversas versões. E todos baseados em histórias e lendas contadas por alguém próximo. Nessa era contemporânea, os monstros tomaram um aspecto humanizado, em filmes e desenhos, onde ele são apresentados com características humanas, seja no falar, nas roupas, habitação e estilo de vida.

Um exemplo disso é o filme *Monstros S.A* (2001) da Disney Pixar. Nele, os próprios se identificam como monstros, tem suas vidas na cidade, seus trabalhos e afazeres domésticos, mas o diferencial é que ele não podem se aproximar de humanos, pois segundo eles, somos tóxicos. E sua função conosco é apenas nos assustar para conseguir energia na qual é utilizada por todos os habitantes. Um outro filme atual é o *Hotel Transilvânia* (2012) da Sony Pictures. Neste, os monstros são os mais conhecidos, sendo a múmia, o frankenstein, um lobo, fantasmas e até um vampiro.

Atualmente os monstros, dessa era contemporânea são mais “aceitos” pela sociedade, haja vista pelos números de espectadores que esses filmes conseguem trazer. Talvez, por se parecerem conosco nos aspectos humanísticos, sendo mais modernos visualmente e até as histórias terem um tom cômico ao invés do clássico terror. Monstros tido como feios, com garras e afins, são mais utilizados quando se tem a pretensão em assustar uma criança em busca de um bom comportamento, levando seu imaginário e pensar em como seria esse “bicho” acometendo até com pesadelos.

A partir do *Grúfalo*, minha visão em apresentar monstros na esfera educacional mudou, pois dependendo de como são apresentados, eles serão bem aceitos pelas crianças, assim como foi com o *Grúfalo*. Levar os educandos a imaginar seus próprios monstros, fez

ver a diferença na hora do desenho e na hora da modelagem. Me fazendo lembrar uma fala de Vigotski (2009) “a criança desenha de memória e não de observação”(p.107).

Isso foi nítido, pois após a contação de histórias ocorrer, foi pedido que eles desenhassem seu próprio Grúfalo, e ao invés de criarem, trouxeram em seus traços partes do livro que ouviram e viram. Na escultura, como ocorreu um dia depois, mesmo estando com o desenho próximo a eles, criaram monstros totalmente diferentes, até mesmo nas cores utilizadas para pintá-lo.

Nesse dia deram liberdade à si e o uso de uma massa criada por eles convidou para diferentes experimentos, assim os monstros nasceram diferentes. Um exercício interessante para o professor seria pedir que desenhassem desta vez observando o seu monstro modelado. Duarte Junior discute a necessidade da creche e da escola pedir às crianças que modelem a partir de seus desenhos e desenhem a partir de suas modelagens, pois são exercícios que não acontecem.

2.2 Onde nasce a inquietação

Aqui, se faz necessário apresentar todo o caminho que foi percorrido para chegar nessa reflexão sobre a Arte-Educação e nas inquietações que foram surgindo. Entender que uma inquietação nasce dentro de nós a partir de uma situação presente em nosso dia a dia como educador. Foi importante para o meu processo formador como futuro Pedagogo e Artista-Educador, entender que o ensino não é algo que se entrega de qualquer maneira aos aprendizes, ou que vem pronto das instâncias governamentais, que padronizam um ensino para todo o país. Concluindo esta como uma Educação Bancária, na qual segundo Paulo Freire (1968) não contribui para a autonomia do educando uma vez que o reduz a mero “recipiente” de conhecimentos transmitidos, em via única, pelo educador, definindo essa educação da seguinte forma:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem [...] memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (p.80).

O ensino de Artes hoje nas escolas, infelizmente, pode estar seguindo por este caminho. Sem dar autonomia para que os alunos usem de sua imaginação, criação e desenvolvimento, elementos importantes que Christov (2006) apresenta a partir de Vygotsky que “[...] nos ajuda a pensar algumas condições importantes para favorecer criatividade ao conceber a relação entre desenvolvimento e aprendizagem de forma imbricada, de mútua provocação” (p.14).

Dessa forma, existente a tentativa de encaixar os alunos em modelos de cópias, no qual muitas das vezes não possui relação com o seu cotidiano, impedindo o professor de utilizar dos conhecimentos prévios deles e seus contextos escolares. O educador apenas seguir um modelo pronto de um governo, é querer armazenar conhecimentos ainda não descobertos, tanto dos alunos, quanto dele mesmo e de sua formação que dependendo da instituição, luta para ir na contramão do ensino arcaico hoje.

O lugar onde as Artes são expostas para seus espectadores também pode influenciar e despertar um interesse por elas. E na escola não pode ser diferente, pois se o próprio espaço não é convidativo e nem os leva a querer descobri-lo, dificilmente eles irão se interessar pelo que será ministrado dentro da sala de aula.

Quando esse espaço é convidativo para alunos e professores, possibilita um ambiente facilitador do desenvolvimento social, que pode se manifestar por meio da apreciação visual, da convivência afetiva e do prazer na permanência, ainda estabelecendo sentimentos de valorização e preservação desse espaço público. (CARMO & PACHECO, 2015, p. 16)

A Arte possui esse poder de despertar a curiosidade de seus espectadores, e na escola não é diferente. Quando mencionamos a Arte na escola, e tudo o que possa envolvê-la, logo nos remetemos a educação infantil, onde o lúdico e o fazer artístico é presente. As cores são mais vivas, as linguagens artísticas, visuais, dança, música, teatro, são mais recorrentes e o brincar mais ativo. E quando ocorre a transição entre os ensino infantil e fundamental I, o ambiente é transformado, o olhar para a criança se perde, que agora é enxergada somente como aluno e reconhecida como um número, e o foco do ensino é a iniciação nas linguagens de maior respeito socialmente, sendo a língua portuguesa e a matemática. Dessa forma o contato com o universo artístico começa a ser perdido, simplesmente por não acreditarem na sua relevância.

Essa pequena introdução iniciou a partir da experiência como Residente no Programa de Residência Pedagógica da UNIFESP. Ela que consegue causar em nós, estudantes, inquietações e reflexões sobre a nossa formação em licenciatura em Pedagogia. Por isso, esse olhar inquieto é de um futuro pedagogo preocupado com as práticas docentes relacionadas à Arte/Educação, baseadas em uma intervenção realizada com uma turma do ensino fundamental I de uma escola da Rede Pública de Guarulhos. Nela, pude observar a falta da Arte/Educação, e sendo essa falta a contribuição para a permanência de um ensino engessado e sem relevância para os seus aprendizes. Portanto, aqui apresento e reflito sobre as inquietações ligadas à Arte/Educação na educação básica.

Iniciando no PRP, essa imersão ocorreu em conjunto com uma turma do 2º ano do ensino fundamental I da Rede Pública de Guarulhos, entre os meses de março e abril de 2018. A chamada escola-campo, fica localizada também na cidade de Guarulhos. Um ponto a destacar é que todas as residências ocorrem na mesma cidade em que fica localizado o campus universitário da EFLCH. Isso é o que diferencia essa modalidade de estágio de outras universidades. A escola atende cerca de mil crianças do berçário ao 5º ano do ensino fundamental I, ocorrendo esse atendimento em dois turnos, nos horários das 07h às 12h e das 13h às 18h. Ela possui cerca de 12 salas de aulas, entre educação infantil e fundamental. Um pátio onde nele é disponível um palco para apresentações artísticas. Conta também com um parquinho com alguns brinquedos, que são utilizados pelas turmas uma vez na semana, em horários pré estabelecidos.

Na mesma local do parque, existe um área destinada à atividades artísticas, o chamado Ateliê. Nele, são dispostas algumas mesas que ficam em duas fileiras uma de frente para a outra. Possui algumas pias, que são divididas para a utilização entre as brincadeiras no parque e as atividades realizadas no ateliê. Por ser um espaço que possui apenas uma cobertura na parte superior, para proteção contra o sol, e em dias chuvosos dificilmente é utilizado. Observando-o, pude refletir sobre a existência deste espaço fora da sala de aula para atividades de caráter artístico, no qual

o Ateliê é fundamental para o desenvolvimento das aulas práticas de Arte, devido à utilização de diversos materiais que precisam de uma estrutura adequada para serem utilizados, como por exemplo, uma pia para lavar pincéis e vasilhas utilizadas no processo do fazer artístico. Além disso, o Ateliê também se caracteriza como o espaço de reflexão e criação, que oferece mecanismos indispensáveis para a produção artística dos alunos e para o estímulo da criatividade no fazer e no olhar artístico, favorecendo a interação e a aprendizagem. (SILVA, 2012, p. 17).

Não foi possível saber se aquele espaço foi pensado para estar ali, mesmo sendo importante para o desenvolvimento das crianças. Mas, observando a infraestrutura da escola, arrisco a dizer que seu planejamento foi realizado por último, apenas para suprir uma demanda interna. Sendo esta relacionada a organização dentro das salas de aula. No que diz respeito à organização, ela é clássica em todas as escola da rede pública. Carteiras e cadeiras enfileiradas, com os olhos sempre em frente para o professor, e em suas mãos os instrumentos que hoje são vistos como de maior auxílio na aprendizagem, lápis e papel. Todavia sabemos que a educação nos propõe hoje outros auxílios para o ensino e aprendizagem, sendo uma delas a Arte/Educação.

Na sala de aula, a turma possuía um total de 36 crianças. Antes mesmo de iniciar nessa RP, meu foco era pensar em um Plano de Ação que envolvesse uma intervenção artística,

mesmo tendo a consciência de que a intervenção de todo residente parte após um breve período de imersão, justamente para partir dos alunos uma ação. Sendo está preceptoria coordenada pela prof^a Dr^a Betania Dantas, especialista na área das Artes Visuais, o olhar para essa linguagem foi ainda mais forte. Entretanto, era forte a presença do ensino da Língua Portuguesa e Matemática nessa turma. Sendo eles aplicados em lousa, nos livros didáticos ou folhas de recorte e colagem, sempre presentes. A própria fala da professora-formadora relatando que “a colagem e as folhinhas é algo que as crianças ainda estão acostumadas” denuncia a reprodução automática do ensino. Aqui o educador polivalente, sendo ele “um sujeito capaz de apropriar-se e articular os conhecimentos básicos das diferentes áreas do conhecimento [...] (CRUZ & NETO, 2012, p.387) foi deixado de lado. Mas, sabemos que a culpa não pode ser totalmente do professor, visto que por trás dele existe uma cobrança maior, sendo da gestão e comunidade escolar e também das altas instâncias educacionais que buscam sempre os altos índices referente a alfabetização e o letramento, como se a educação se resumisse apenas ao ato de ler e escrever.

Posto isso, podemos começar a pensar sobre o estudante que inicia seus estudos em um curso de licenciatura em pedagogia, e vai tomando para si essa visão de polivalência, mas quando se depara com a prática docente, encontra situações adversas a teoria que o conduz para continuar com essa cultura escolar, indo na contramão ao seu ensino na licenciatura.

O padrão era sempre o mesmo todos os dias, cabeçalho e a escrita do alfabeto na lousa para ser reproduzido na caderno. Além disso, uma leitura sobre algum livro infantil, sendo este escolhido pela professora-formadora.

2.3. Plano de Ação Pedagógica: ação e reflexão

Em 2018, com o Projeto de ação pedagógica *O Meu, o seu e os nossos (monstros)* realizei a construção de um Plano de Ação Pedagógica⁷ no programa de Residência Pedagógica, sendo uma prática docente em que o residente, juntamente com a classe, assume a realização de uma intervenção através de uma ação pedagógica.

O Programa de Residência Pedagógica busca quebrar a barreira que existe entre o educador já atuante em sala de aula e o aluno ainda em formação. O programa “pretende superar a distância entre teoria e prática, usualmente, presente na formação desses profissionais” (Manual do Programa de Residência Pedagógica, 2014, p.13).

⁷ De agora em diante referido pela abreviatura: PAP.

A Residência em Educação fundamental é compreendida com experiências em escolas, com atendimento de crianças de 6 a 10 anos. Sendo esta uma modalidade de estágio presente no programa e composta de 105 horas, onde 80hs são referidas a atividades práticas de imersão na escola e 25hs com estudos correlatos que são desenvolvidos na UNIFESP. As ações são supervisionadas por professores do curso de Pedagogia realizando o trabalho de preceptoria, orientando e acompanhando as atividades que são desenvolvidas ao longo de toda Residência, sendo a construção de um diário de campo semanal e a indicação de leituras, discussões de artigos acadêmicos que irão fundamentar o trabalho e a supervisão da imersão de elaboração do PAP. As aulas são acompanhadas na escola por professores-formadores.

O PAP foi realizado em escola municipal de Guarulhos. A residência ocorreu entre os meses de março e abril, sob a preceptoria da Prof^a Dr^a Betania Libanio Dantas de Araujo. Apesar da autorização de imagens, preservamos as identidades das crianças, da escola e da professora-formadora.

O PAP foi desenvolvido no 2º Ano do Fundamental I. Composta pela professora-formadora e 36 crianças com idade de sete anos. A sala de aula era disposta por um espaço com carteiras em duplas, com 1 lousa; 2 armários, sendo um para a professora do matutino e outro para a professora do vespertino; 1 balcão de mármore com dois armários.

As crianças chegavam na escola todos os dias às 07hs da manhã e permaneciam até as 11h30. Nesta turma, o café da manhã era servido das 07h20 às 07h40 e o almoço das 09h50 às 10h20. Entre esses períodos costumavam realizar atividades, sempre dentro da sala de aula, às vezes com o livro didático, em outro tempo com folhas com atividades, todas que estavam previstas no cronograma de rotina, feito no cabeçalho todos os dias – entre essas atividades estava contida uma ida ao parque, uma vez por semana; leituras de histórias; aulas dos especialistas, sendo eles de arte, inglês e educação física.

O que motivou a elaboração do PAP foi observar que as escolas recebem enormes demandas voltadas para escrita e cálculo, mas não observamos nas diretorias de ensino um olhar específico para fomentar e acompanhar a expressividade artísticas destas crianças. Ou seja, infelizmente os documentos oficiais reservam uma parte para as artes mas não acompanham no dia-a-dia e exigem sempre que esses professores dêem conta da língua portuguesa e da matemática. E não vamos acreditar que fazer um desenho ou uma pintura em datas importantes para o Brasil como o dia das nossas consciências indígenas, afro-brasileiras seja proporcionar arte.

O próprio QSN coloca a Arte como um eixo a ser trabalhado no ensino fundamental:

É imprescindível garantir o ensino da Arte como direito de todos e de cada um, dentro dos diferentes Tempos da Vida, alicerçando potencialidades que levarão a todos e a cada um à consciência de seu lugar, de seu pertencimento enquanto humanos, na sociedade em que vivem, aprendem, sonham e desejam “ser mais e melhor”, hoje e sempre. (QSN, 2009, p.76).

Durante todos estes dias em que estive imerso com as crianças do 2º ano, observei o valor que aquelas crianças dão para o desenho e a pintura, seja em folhas com desenhos já reproduzidos ou que eles mesmos desenhavam. Todos eles mostrando, de alguma forma, suas particularidades e visões de mundo adquiridas em sociedade.

A partir desse momento enxerguei a necessidade de trabalhar com eles algo que desse significado às suas linguagens artísticas. Nesse PAP contemplei o significado para o modo como as crianças fazem uso de suas diferentes formas de expressões artísticas “De todo modo, a arte é uma necessidade do ser humano” (MATTAR, 2015 p.5).

Uma das diversas ações da residência foi relacionar a ação que faria ao plano de trabalho do professor para o 2º ano. Essa é uma experiência incrível pois a ação nasce de um diálogo. Na escola ocorria o Abril Literário, projeto que durante o mês de abril as turmas estudavam cantos e contos.

Foi na leitura das emergências, dos desejos das crianças e das propostas dos adultos que propus uma alfabetização artística que parte da literatura e é ressignificada no fazer artístico.

A partir do momento em que se começa a enxergar a criança como um sujeito de direitos, a nossa concepção do universo infantil se transforma. Presumo que com este PAP, as diferentes formas artísticas das crianças, sejam exploradas, partindo do olhar delas e, dando voz através das artes visuais.

É o início de uma ruptura enxergada por mim, entre a Arte e as outras disciplinas presentes, pois antes era como se houvesse um distanciamento e que uma área não pudesse conversar com a outra. Foi na RP que esta visão mudou.

Na época imaginei que esta ação teria como possibilidades de continuidade pelo professor formador ou pelo próximo residente as crianças conhecerem e trabalharem melhor as suas expressões artísticas. Muitos de nós adultos, viemos de uma escola sem a presença da arte e por isso pensá-la é o início de uma ruptura da fragmentação do conhecimento, ou seja, as artes visuais podem ser o elo entre todas as áreas de conhecimento, com as crianças conhecendo e trabalhando melhor as suas expressões artísticas.

É difícil planejar algo que não é costumeiro mas o mais importante é perceber que as crianças são ativadas pelo fazer com as mãos. Quanto mais elas desenvolvem habilidades

autorais (uma vez que não impomos modelos) mais elas se apropriam da escrita, da matemática e do conhecimento científico. “A chave de experiências significativas com a arte na escola está, portanto, nas mãos dos próprios professores” (MATTAR, 2015, p.7).

Partindo desses princípios elaborei como plano de ação pedagógica a Contação de História e a Desconstrução do Desenho Perfeito. Pensamos nesse projeto para que as crianças trabalhassem, inicialmente, suas linhas através do desenho. E que enxergassem que podem desenhar cada um à sua própria maneira.

É preciso incluir a arte na rotina diárias das crianças, propostas trabalhadas a partir da perspectiva de identificação e apreciação das artes visuais.

As Artes visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. (BNCC, 2018, p.193)

As áreas de conhecimento predominantes foram as artes visuais, a literatura e suas diferentes formas de apreciação e identificação. Contemplei as linguagens da literatura com a leitura da obra “O Grúfalo” e das artes visuais na imagem bidimensional (desenho e pintura) e tridimensional (modelagem).

Esperava como aprendizagem que as crianças ressignificassem a escrita com um personagem criado por eles, que desenvolvessem a capacidade de criar um monstro como criadores de personagens e não repetindo modelos prontos e que aprendessem a cooperar. Com a modelagem da massa objetiva-se a diminuição das tensões na região dos ombros, compreendendo mistura e transformação (conceitos da ciência), para que assim comesçassem a conhecer e explorar suas diferentes habilidades artísticas e todas as suas capacidades.

Planejado o fundamento desenvolvemos a ação pedagógica para ocorrer em três dias consecutivos em uma hora a cada dia, de maneira que não atrapalhasse a rotina da professora.

O cronograma foi organizado da seguinte maneira:

Estratégias e etapas seguidas	Datas e tempos previstos	Recursos Materiais
<ul style="list-style-type: none"> - Contar a história “O Grúfalo” - Desenho sobre o Grúfalo de cada um - apresentação de vídeos e imagens (ilustrações) 	<ul style="list-style-type: none"> - 17/04/2018 - Depois do café. 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro O Grúfalo - Folha Sulfite - Lápis de escrever e pintar - Data show

<ul style="list-style-type: none"> - Criação de histórias - Montagem de Massinha de Modelar - Reprodução do desenho do papel na massinha/sucatas. 	<ul style="list-style-type: none"> - 18/04/2018 - Depois do café. 	<ul style="list-style-type: none"> - Folha Sulfite - Materiais para elaboração da massinha/sucatas
<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar seu personagem - Contar sua história. 	<ul style="list-style-type: none"> - 18/04/2018 - Depois do café. 	

No 1º dia, contei a história infantil “*O Grúfalo*”, de Julia Donaldson, a história possui algumas características que desenvolvi com eles, sendo a principal, a imaginação, pois enquanto contei a história, o personagem principal era tampado e eles precisavam imaginar como seria a partir das características dadas pela autora. Após a leitura do livro *O filho do Grúfalo*, conversei com eles sobre a experiência do PAP e sobre as histórias. Na maioria das falas, eles diziam que o personagem deles, assim como o Grúfalo, também morava nas florestas. Outro ponto que lembrei e escrevi no diário de campo é que nenhum deles remeteu seu personagem como um monstro (engraçado, né?). Acredito que para eles, a palavra monstro, ainda poderiam remeter a algo "do mal".

Ao iniciar o desenvolvimento da Ação Pedagógica busquei que essa imaginação pudesse ser ao máximo explorada, primeiramente através da literatura. Com o livro procurei atingir a sensibilidade auditiva e imaginativa deles. Conforme eu contava a história, o personagem principal Grúfalo, era apresentado apenas por suas características mostradas no livro, sem que a imagem do personagem principal aparecesse. Após a leitura, pedi que eles criassem o Grúfalo da maneira que eles imaginavam que fosse conforme a história contada.



Figura 1: Crianças desenhavam o grúfalo Fonte: Acervo do autor

Após esta leitura que possuía a intencionalidade de imaginar, pedi que desenhasssem em uma folha de sulfite como imaginariam o que seria *O Grúfalo*.

Após os desenhos serem criados, entreguei as tintas aquarelas para pintarem individualmente o seu monstro. Disse que eles não precisariam pintar da mesma cor descrita no livro, ali eles poderiam imaginar como seriam os seus próprios Grúfalos.



Figura 2 : As crianças pintam seus desenhos com aquarelas Fonte: Acervo do autor



Figura3 : As crianças mostram seus desenhos, estão realizadas Fonte: Acervo do autor

A alegria contagiante das crianças foi borrrifada nesta imagem pois mesmo com a autorização do uso de imagens para o PAP não solicitamos para o TCC. Elas estavam muito felizes.

Após os grúfalos criados, apresentei para as crianças algumas ilustrações de personagens de livros infantis mostrando o processo de feitura através de vídeos e desenhos.

No 2º dia, construímos massinhas de modelar caseiras, levei mini bacias de plástico para cada um. Lá colocamos farinha de trigo, água, sal e as crianças produziram a massa. Pedi que criassem um personagem para uma história infantil, inventada por eles modelada na massa que cada um criou. Eu poderia levar a massa pronta mas pensando que os professores fazem muita coisa pelas crianças, decidi que todo o processo seria realizado com a autoria deles.

Conversei com eles, retomando o que havíamos feito no dia anterior e, disse que colocaríamos a mão na massa, literalmente. Eles criaram cada um o seu monstro de massinha de modelar caseira.

Busquei com isso que eles expressassem os seus anseios diante de tudo aquilo que estávamos vendo com essa Ação Pedagógica.

Homens e mulheres, entretanto, não criam objetos apenas para deles se servirem de forma utilitária e/ou instrumental, mas também para expressarem seus desejos, seus sentimentos diante da vida e sua visão de mundo. (MATTAR, 2015, p.5)



Figura 4: Monstros modelados em massa de farinha de trigo Fonte: Acervo do autor

No 3º terceiro dia, mostrei *O Grúfalo* da história que lhes foi contada. Depois pedi que cada um mostrasse seu personagem e, se se sentissem a vontade que contassem sua história inventada.

Utilizei a sala de aula, apesar que a escola possui um ateliê externo fantástico mas em dia de chuva nos molhamos para esse deslocamento. É um ótimo lugar para dias de sol ou sem chuva.

O processo avaliativo consistia em observar aqueles que criam histórias, o desenho de seus personagens, o tipo de modelagem que realizam, o trabalho coletivo e a zona de desenvolvimento proximal.

O terceiro dia acabou sendo o mais curto. Realizei a leitura do livro infantil “O Filho do Grúfalo” e relembrei com eles tudo o que havíamos feito neste três dias Ação Pedagógica.

Com o desenvolvimento e ação do PAP pude fazer algumas reflexões sobre tudo o que vivemos nessa imersão. Pela primeira vez consegui me colocar no lugar da professora-formadora, tendo um olhar para a minha prática educativa

[...]o professor pode propor aos aprendizes experiências estéticas e artísticas que permitam a eles vivenciarem a arte em sua dimensão histórica, social, sensível,

imaginativa, perceptiva, cognitiva e produtiva, seja a partir de conteúdos pertinentes ao universo cultural deles, seja colocando-os em contato com códigos culturais com os quais não estão familiarizados. (MATTAR, 2015, p.8)

Você precisa lidar com as suas características de profissional e ser humano e as características das crianças, suas dúvidas e anseios. Todo aquele pré-conceito que tinha ao encontrar a turma foi se modificando com a realização desse Plano de Ação Pedagógica. Tudo o que foi vivido por mim nesta residência será levado como um aprendizado, começo a enxergar o educador com um outro olhar, sem deixar a teoria de lado, mas antes observando o meio em que esse profissional e suas crianças estão inseridas. Sabendo, também, que a arte apresentada pelo professor às crianças pode muito em seus efeitos pedagógicos.

Antes de iniciarmos uma Residência Pedagógica, acredito que vários pensamentos surgem em nossa mente: como será? O que iremos encontrar? Durante toda a nossa graduação, a teoria sempre esteve presente, mais até do que a prática, e quando colocamos essa teoria em ação, podemos atingir um outra experiência intitulada práxis.

É importante conhecer como o processo de aprendizagem é acompanhado pelo professor. Nos deparamos com alguns acontecimentos que não estavam previstos. Alguns documentos norteadores explicitam como é/deveria ser o ensino fundamental hoje, como um espaço próprio para a criança e onde ela teria sua voz ouvida.

Em minha imersão no Fundamental, pude compreender a escrita como um fundamento colocado sempre em primeiro lugar, mas muitas vezes em nossa trajetória enquanto estudante observamos o uso da escrita apenas por meio da cópia, diferente do que Celestin Freinet vai relatar sobre o Texto Livre, no qual a criança se torna o protagonista na hora de escrever, sem uma orientação direta por parte do educador.

Se não somos levados a criar desenhos não criamos histórias. Pela falta do fazer artístico na escola ocorre um travamento por parte das crianças e muito crianças relataram que “não sabiam desenhar” e por diversas vezes pediram que outros desenhassem por eles.

Significa que crianças começam a não se satisfazer com o seu próprio desenho porque precisam dar continuidade ao exercício do olhar. E nós pedagogos precisamos preparar experimentações para resolver problemas de desenho. E não é a cópia.

Através disso, percebi uma grande necessidade de elaborar uma Ação Pedagógica que desse um enfoque maior nessa questão ação artística. No fazer a partir do imaginário das crianças, daquilo que está emergindo e de dentro deles, o que a Base Nacional Comum Curricular irá chamar de Criação,

refere-se ao fazer artístico, quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a

sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do apreender o que está em jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisão, entraves, desafios, conflitos, negociações e inquietações. (BNCC, 2018, p.192).

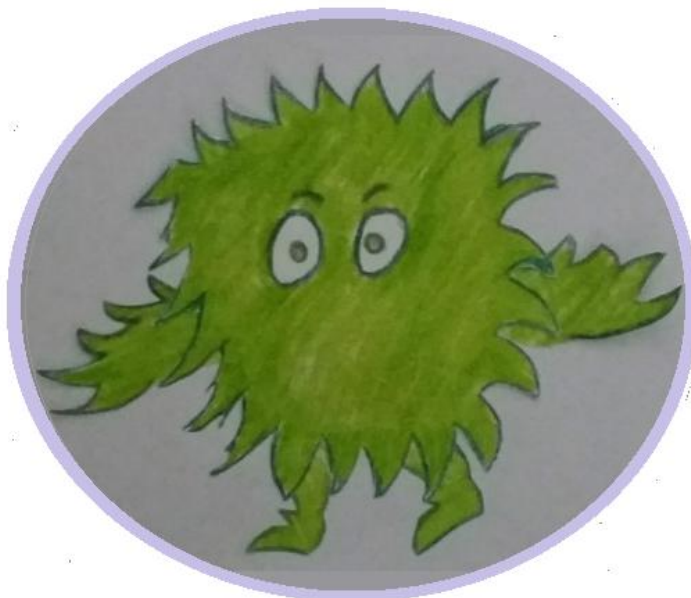


Figura 5: meu monstro Fonte: autor

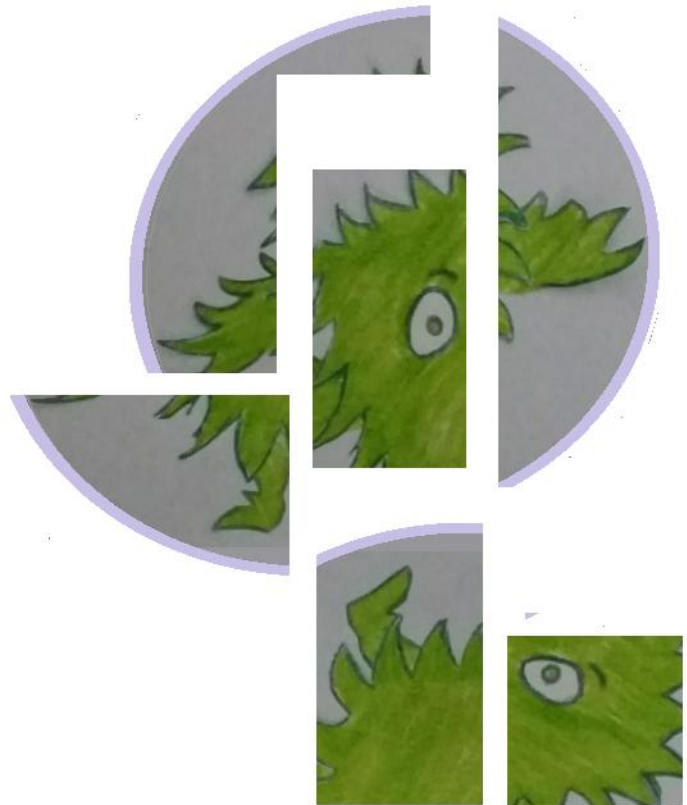


Figura 6 : meu monstro desconstruído Fonte: autor

Após uma breve apresentação do espaço onde ocorreu essa ação, refletimos sobre a importância no ensino-aprendizagem, e nesse caso, no que diz respeito à Arte/Educação. Do mesmo modo, observamos a falta do ensino de Arte e como ele perdia espaço para as linguagens de ensino que eram priorizadas por conta de objetivos propostos por poderes governamentais.

Posteriormente, será apresentado agora a ação em sua forma detalhada, para venhamos a compreender que cada passo dado, foi antes pensado nas crianças e na falta que elas sentiam, mesmo sem expressar verbalmente, de atividades artísticas e lúdicas.

Em cada passo, é inserido uma reflexão para que compreendamos que o planejamento de uma atividade deve inspirar-se nos olhares curiosos dos pequenos, e como base, nas palavras de Viola (2006) parafraseando Paulo Freire (1995) “[...]é através do diálogo, que implica um pensar crítico onde os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza[...]” (p.86).

Fundamentado nisso, a inquietação se tornou mais forte nos primeiros contatos com as aulas de Artes. Nessa rede de ensino, eram ministradas duas vezes na semana, como uma disciplina chamada de *Especialista*, ou seja, ministrada por uma professora formada na área.

Através dela, relembrei o meu período escolar e a maneira que essa linguagem era ensinada. Primeiro, os cadernos de Arte das crianças ficavam guardados na sala e só podiam ser utilizados quando a aula começasse. Vamos pensar: um caderno de Arte comum possui cerca de 48 folhas. Durante todo o ano letivo, os alunos não utilizam nem a metade delas, tudo porque na visão dos adultos não se pode “*gastar folhas a toa*”.

Um material onde os alunos pudessem expressar sua criatividade, sem medo de errar, ficar preso a um modelo de cultura do desenho pronto, reprodutivo e colado. Onde, segundo Christov & Mattos (2006), não ocorre um desenvolvimento na criatividade da criança, ficando ela engessada, refletindo no futuro e no seu desenvolvimento para a resolução de futuros desafios.

A partir dessa inquietação, observamos como as crianças encaravam o ato de desenhar, mas sem reproduzir uma imagem diretamente, quando solicitado pela professora. Enxergavam aquilo como uma tarefa difícil de ser concluída, pois sem uma orientação, não sabiam expressar no papel os seus próprios sentimentos. Por não serem convidados a realizar esse exercício, a falta no demonstrar artístico era visível. Dessa maneira, o livro infantil “O Grúfalo”, de Julia Donaldson, era o convite perfeito para levarem-nos a iniciar esse mundo do desenho e da imaginação. Referente ao livro, do início ao fim, conforme a história é contada, as ilustrações nos apresentam pequenas partes daquele que seria o monstro Grúfalo. Levando o leitor a imaginar, apenas através da contação, como seria esse monstro.

Pegando esse gancho, ele foi apresentado às crianças através da contação de história, sendo ela “[...] uma prática essencial para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, que desde pequena sente a necessidade de vivenciar seus sonhos, suas fantasias e seus encantos por meio da arte (FARIA; FLAVIANO; GUIMARÃES; FALEIRO, 2017, p.31). Como eles já estavam familiarizados com essa prática, e o foco era levá-los a utilizar de suas imaginações, sendo isto um desafio. Para que isso fosse realizado, tomamos proveito do único recurso ali presente, o corpo. Não somente ele, mas os gestos e ações, as tonalidades da voz, a espontaneidade, tudo para que eles utilizassem de sua imaginação e do seus sentimentos para descobrirem como eram o Grúfalo e suas características. Em seguida foi importante entrar em diálogo com eles sobre como eles imaginaram o Grúfalo. Instigando eles a expressarem oralmente o que a história causou neles, lembrando passagens e características do monstro, pois seriam importantes para a atividade que viria a seguir.

Após essa contação de histórias, foi a hora deles entrarem em contato com o temível desenho. Foi orientado a eles que trouxessem para o papel toda a sua imaginação referente a história contada. Entretanto o mesmo desafio surgia para eles e falas recorrentes dizendo “eu

não sei desenhar” retornavam. Uma fala tão presente na boca das crianças, que são seres expressivos e criativos, apenas necessitando de um combustível que ative essas características, sendo eles aqui a Arte/Educação. No papel de professor enquanto residente, fui exercendo essa mediação, sempre auxiliando eles, para que se expressassem livremente com base no que foi proposto. Essa nova expressividade criaria neles uma nova estrutura e um novo conhecimento que estava sendo adquirido, pensado a partir de Vygotsky

que nos ajuda a pensar algumas condições importantes para favorecer a criatividade ao conceber a relação entre desenvolvimento e aprendizagem de imbricada, de mútua provocação (CHRISTOV & MATTOS, 2006, p.14).

Esse desenho que foi proposto era para fugir das reproduções automáticas hoje presentes na sala de aula. Eles representam o monstro Grúfalo imaginado. Com isso, foi perceptível que todos estavam atentos a história que foi contada. Representando não somente o Grúfalo como também os elementos presentes na história como a própria floresta onde ela acontece. Tudo isso deixando que eles fossem protagonistas do próprio desenho. Vygotsky (2013) orienta que

No desenvolvimento da criação artística infantil, inclusive a plástica, é preciso seguir o princípio da liberdade, que é a condição imprescindível de qualquer criação. Isso significa que as aulas de criação para crianças não podem ser nem obrigatórias nem compulsórias e podem surgir apenas dos seus interesses. (p.117).

Após a realização do desenho, foi proposto que pintassem os seus Grúfalos, mas ao invés de utilizarem lápis de colorir, optei por tintas guache aquarelas. Como nunca haviam tido contato com elas, orientei eles na maneira como se usa esse tipo de material, para a experiência fosse bem aproveitada. Enquanto eles realizam essa ação, estive observando que na maioria dos desenhos, as características do monstro deles eram as mesmas que a do livro. Eles absorveram a história ao ponto de reproduzi-la, utilizando apenas de sua imaginação. Após isso, expuseram uns aos outros seus Grúfalos, compartilhando sorrisos e olhares curiosos pelo desenho do amigo.

Concluindo esse dia com uma conversa sobre o que eles acharam dessa primeira atividade. Todos, unanimemente, expressaram com sorrisos e palavras o contentamento com o novo que havia chegado a eles. Uma novidade que talvez eles nunca experimentaram, mas que teve sua primazia nesse dia.

No segundo dia, refletindo antes sobre a questão dos espaços para se produzir Arte na escola, optei por realizar a atividade plástica na própria sala de aula, ambiente esse que eles já estavam acostumados. Desconstruindo esse ideal de que uma sala de aula organizada é uma em que se aprende melhor. Aqui o desafio seria maior por envolver um trabalho manual, no

qual eles colocariam a mão na massa, literalmente. Do papel, os seus monstros ganharam formas e se tornaram bonecos, através da massinha de modelar caseira. Por ser feita com materiais de fácil acesso e ter um acabamento final próprio para essa atividade, a escolha foi determinante. Eles se organizaram de uma maneira em que um pudesse auxiliar o outro, caso houvesse necessidade.

Organizei a disposição dos materiais, onde cada um faria a sua própria massa. Apenas expliquei a ordem dos materiais a serem utilizados, o modo como elas virariam massas e como eles fariam para obter o resultado desejado. Mais uma vez, o protagonismo estava com eles. Quando a massinha ficou pronta, informei que eles seriam os escultores, criando suas próprias esculturas de monstros. Cada um sendo livre para moldar da melhor forma, sem um padrão estabelecido ou com medo de errar. Eles expressariam seus próprios sentimentos e colocariam eles nessa escultura.

Por fim, dialoguei novamente com eles retomando todo o processo desde o início, mostrando não somente a eles mas também à professora-formadora, que a Arte possui um papel fundamental em seu ensino aprendizagem. Durante esses dois dias, ela esteve apenas em observação, me dando liberdade para aplicar essa ação com as crianças. Daria auxílio se fosse preciso, mas como deu autonomia para os alunos, não precisou dela intervir, visto que o diálogo sempre foi a base de todo nosso trabalho.

Através dessa ação, não somente as crianças ganharam, mas também a professora-formadora. Introduzir uma educação por intermédio da arte mostra o quão didático e lúdico pode ficar um aprendizado. É certo que as crianças entram em sala com uma visão introduzida neles, e com isso o conhecimento que eles possuem sobre Arte é advindo das diversas mídias presentes, consequentemente, sua importância é vista de uma maneira rasa e sem significado. Sendo assim, tomar partido dessa linguagem e buscar entender melhor sua função é um dever de todo aquele futuro docente que queira ser um artista-educador. Iniciando o conhecimento nele para depois ser transmitido aos educandos, de uma maneira crítica e reflexiva.

2.4 Memorial: Um olhar para as artes que dentro de mim continuam fazendo p(arte)⁸

⁸ Este memorial foi inicialmente elaborado para a UNIDADE CURRICULAR: Fundamentos Teórico-Práticos do Ensino da Arte ministrado pela Prof.^a Dr.^a Betania Libanio Dantas de Araujo Autor: João Gabriel Marques de Araujo - Pedagogia/Vespertino

Desde muito criança a arte esteve presente em minha vida, seja diretamente ou indiretamente. Em nosso condomínio, meus amigos e eu brincávamos com nossos brinquedos, que muitas vezes não eram aqueles brinquedos estruturados. Pegávamos alguns tipos de objetos e inventamos com eles, fazendo de mobiliário para casas, objetos de construções, entre outras invenções.

Por volta dos meus sete ou oito anos, assistia na TV Cultura o Desenho Caillou, ao qual eu era apaixonado! E através dele, sempre que eu ia tomar banho, “perdia” alguns minutos brincando com o sabonete e com a esponja de banho, imaginando que eles eram o Caillou e a Rosie, irmã dele, e fazia do banheiro uma mini piscina na qual imaginava esses personagens brincando em um clube. Era no banheiro que eu tinha as minhas maiores invenções de brincadeiras.

Outra situação que só acontecia lá era com a série Ilha Rá-Tim-Bum, com cinco jovens que se perdem em uma ilha e vivem as maiores aventuras nela, também produzida pela TV Cultura. Nessa brincadeira, em meu banheiro, o piso estava descascado em algumas partes com pequenos pontos, e nisso eu imaginava que esses pontos eram a ilha no qual os jovens estavam, o castelo do vilão Nefasto e a casa da dona Hipácia, amiga e bruxa que os ajudava.

Ao escrever isso, fico imaginando, como cheguei naquele pensamento e brincadeira em meu banheiro? Realmente a imaginação de uma criança não tem limites! Tinha a coleção do animais da Parmalat e costumava brincar de família com eles, colocava todos no sofá e dava um nome para cada um, uma pena eu não lembrar dos nomes que atribuí.

Qual a criança que nunca brincou em cima dos sofás da sua casa e imaginou que o chão era de lava muito quente e que era preciso ir de um sofá para o outro sem cair no chão? Eu mesmo colocava o colchão da minha cama na entrada entre a sala e a cozinha do meu apartamento e fazia escaladas de um lado para o outro, claro sem a minha mãe saber até hoje e, não me pergunte como eu pensava nisso.

Desde muito cedo, minha Vovó Maria cuidava do meu irmão e de mim, isso durante 13 anos. Todos os dias às 13hs ela pedia pra ligar na TV Gazeta e assistir o programa culinário da Palmirinha, eu sempre assistia com ela, daí que peguei o gosto pela arte de cozinhar e criar brincadeiras a partir disso também. Tanto que até hoje o cheiro da vovó e de sua comida são muito característicos para mim. Me remetem a minha infância, quando brincava em casa no frio enquanto ela cuidava de nós.

Esses sentidos artísticos foram ficando mais aguçados a partir do momento em que iniciei na escola. Na educação infantil, lembro vagamente sobre os fazeres artísticos, acredito que fazia mais arte em casa ao invés da escola. Gostava de desenhar os personagens de

desenhos animados que assistia na TV Cultura: O Pequeno Urso, Rá-Tim-Bum, Os Camundongos Aventureiros e por aí vai... Uma pena não ter registros dessas produções.

Eu era uma criança que adorava participar das festividades da escola, dançava quadrilha nas festa juninas, em algumas datas comemorativas, cheguei até a dança da música Trillher, do Michael Jackson, realmente eu era uma menino “sem vergonha”.

Mas, conforme vamos entrando no ensino fundamental a rotina começa a fazer parte da nossa vida escolar, e a arte vai sendo deixada de lado. Os trabalhos artísticos começam a ficar padronizados, não podendo ser propostos por nossa criatividade, pois isso era considerado um “erro” pelo educador. Os desenhos que eram feitos nos cadernos de arte deveriam sempre conter margens de 3cm, e não podia passar delas, eles deveriam estar encaixotados na folha.

A própria disciplina de arte acaba sendo centrada em folhas com desenhos já prontos, apenas para pintura e, no fundamental 2 e Ensino Médio, os apostilados não dão chance para se explorar o lado artístico dos adolescentes, fazendo com que a arte perca o sentido para o estudante.

Mas a arte que sempre fez parte e ainda continua é a Música! Desde criança tenho essa paixão por ela. Mas, não é simplesmente colocar para tocar e pronto. É ouvir todo o processo, ouvir a melodia, as notas, os instrumentos, as vozes e técnicas nela presente... Me lembro de quando estava na ensino fundamental II prestes a ir para o médio, chegava da escola e ligava no canal de música MTV, passava a tarde toda ouvindo e assistindo os clipes, programas musicais etc. E ainda hoje tenho isso para mim, ouvir a canção de uma outra perspectiva, de uma outra maneira, saber que por trás dela, teve um grande e belíssimo trabalho.

Pensando nos vídeos-clips eles não existiriam sem as artes visuais, o teatro e a dança. Sem as Artes Visuais não existiria o vídeo-clip, ele seria apenas música.

Fico feliz por esse lado artístico ainda continuar presente em minha trajetória e que continue na minha vida como educador, assim como acompanhei alguns professores de Arte nas Residências Pedagógicas, espero que a criação sempre faça parte do meu ofício como educador para que assim meus alunos possam fazer p(arte) com todo esse processo.

Quando não se lançam à aventura da criação e se contentam em ser reprodutores de teorias e de metodologias que não passaram pelo crivo da sua reflexão crítica, os professores pouco a pouco deixam de exercitar a imaginação, de permitirem-se experimentar e de se lançarem, em sua práxis diária, a novas formas de pensar e de conduzir o trabalho educativo com seus alunos. (MATTAR, 2015, p.7).

Hoje, com essa disciplina Fundamentos Teórico-práticos do Ensino das Artes Visuais vejo que o valor que eu dava para a arte não era e nunca será em vão. Ela tem seu papel

importante na vida das pessoas, cabe agora as propostas educacionais dentro das escolas “A chave de experiências significativas com a arte na escola está, portanto, nas mãos dos próprios professores (MATTAR, 2015, p.7).

Capítulo 3 - Monstros, o Grúfalo e a imagem incompleta na História da Arte

Os contos infantis ficaram reconhecidos como fonte de conflitos psíquicos infantis. Bettelheim (apud Baeza e Soares) avultou a importante função dos contos infantis na elaboração desses conflitos. "Com a introdução do princípio de realidade, uma espécie de atividade do pensamento foi separada; foi mantida livre do teste de realidade e permaneceu subordinada apenas ao princípio do prazer. Essa atividade é o fantasiar⁹".

Fantasia seria oposto à realidade no senso comum, sendo fruto da imaginação. "Podemos dizer que o objetivo da fantasia mais diretamente observável é o de satisfazer os impulsos instintuais, prescindindo da realidade externa". Ao produzir uma "fantasia de satisfação do desejo" não evita apenas a frustração e o reconhecimento de uma realidade desagradável; defende "a si mesmo contra a realidade de sua própria fome e raiva" (Baeza e Soares).

A capacidade de fantasiar das crianças torna possível reduzir a "tensão instintiva, a ansiedade e a culpa". Para Melanie Klein há grande aproximação entre a representação "na brincadeira e nos sonhos", duas formas de "atividade mental", a consumação dos desejos é elemento central. "Assim como os sonhos, as brincadeiras infantis podem ser uma forma de acesso ao inconsciente" (Baeza e Soares).

O ego lança no "mundo externo tudo o que, dentro dele, dá origem à dor", segundo Freud. Assim, os monstros podem ser representantes dos conflitos internos: sua raiva, solidão, sensação de não pertencimento e a necessidade de afeto frustrado. Baeza e Soares explica que essas fantasias desempenham um papel importante na vida mental porque devolver fantasias conscientes torna suportáveis as frustrações vividas na realidade:

Pela fantasia, a severidade do superego pode ser temporariamente abandonada, e, além disso, a tensão causada pela tentativa de manter uma trégua entre o superego e o id se reduz. Assim, o conflito intrapsíquico se torna menos violento e pode ser deslocado para o mundo externo. A medida que o indivíduo cresce, as fantasias vão tornando-se mais elaboradas, referindo-se a uma variedade mais ampla de objetos e situações, mas continuam existindo durante todo o desenvolvimento, nunca deixando de desempenhar um papel importante na vida mental. A capacidade de desenvolver fantasias conscientes torna suportáveis as frustrações experimentadas na realidade. Na infância, a frustração, decepção e desespero podem ser enormes em determinados momentos, e as explosões de fúria (como a de Max, mordendo a mãe) podem ser a expressão da convicção de que não há nada que possa ser feito. As fantasias infantis têm especial importância no momento em que o aparelho psíquico ainda não está preparado para mediar suas emoções pelo pensamento. Para Bettelheim, os contos infantis desempenham a função de ajudar a criança a dominar

⁹ BAEZA, Fernanda Lucia Capitaneo e SOARES, Paulo Fernando Bittencourt. Vivências psíquicas da infância no filme "Onde Vivem os Monstros". Rev. bras. psicoter. 2013; 15(2):39-51

problemas psicológicos do crescimento: superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis.

Bettelhein ressalta que um bom conto de fadas, após levar a criança em uma viagem a um mundo fabuloso, no final deve devolver a criança à realidade, de forma que a ordem certa do mundo seja reestabelecida. Não é prejudicial permitir que a fantasia nos domine um pouco, desde que não permaneçamos presos a ela permanentemente. No final das histórias fantásticas, o herói retorna à realidade - uma realidade feliz, mas sem magia.

Os monstros e os seres fantásticos, tema de interesse das crianças, apontam para uma pesquisa-aventura. No séc. XX, desde o desenho animado aos quadrinhos da Turma da Mônica com Penadinho, Vampirinho, Frankenstein e Horácio adentrando o séc. XXI com a criação da Pixar e os desenhos animados como Monstros SA, Universidade de monstros entre outros, esses personagens tem sido docilizados. Aparecem como amigos de crianças. Podemos observar que os monstros horripilantes e pontudos para adultos já eram mais arredondados para as crianças. Para trazer algo assustador para pré-adolescentes como Valdemort é preciso ter crianças encorajadas a lutar e para isso precisam de poderes como Harry Potter e sua turma. Valdemort é assustador e a trama representa uma luta mais ferrenha ao pré-adolescente.

Ao relacionar real e imaginário recriam o mundo.

Um exemplo de contação de histórias e canção às avessas é a obra de Tatit. A música *Monstro* de Luiz Tatit dá uma nova perspectiva partindo do olhar do monstro que tem medo de princesa, leia e ouça: <https://www.youtube.com/watch?v=Gzhj3X7NMQE>

Era um monstro filho de uma monstra, desses grandes/Deformado mas até que bonitinho como monstro/É que prá gente, prá gente os padrões são outros/Tinha muito pêlo no corpo/umas manchas esverdeadas/Uns caroços, uns buracos/Mas também o que você pode esperar de um monstro/Muita sensibilidade, isso que importa/Criativo, um devorador de livros de estória/Não gostava de princesa, achava todas horrorosas/Em compensação com os monstros,/como se identificava/E ele achava uma beleza as histórias só de monstros/Mas se pintava uma princesa: "Ai mamãe que medo!/Tira essa princesa./Ela deve ter um dente, mãe! Tira!"/Vocês vêem que é um monstro tipo mariquinhas pelo jeito/Mas na verdade é a super proteção da mamãe monstra/É que no fundo ele bem que gosta: "Ai mamãe..."/Que medo!/Tire essa princesa./Ela deve ter um dente, mãe! Tira!"

O Grúfalo e as imagens incompletas

Na escolha da obra literária *o Grúfalo* ocorria uma dupla intencionalidade em trabalhar com imagens incompletas que apenas sugerem o que não se desenhou por completo, gerando adivinhações atuando com a fantasia sobre a realidade e retorno a esta. Assim

democraticamente dar-se-à criança o direito de autoria. Esse era o propósito do começo ao fim do PAP.

Na obra *O Grúfalo* usando de astúcia e imaginação, “um ratinho vai criando um monstro terrível e assustador, o Grúfalo, e diverte-se espantando seus predadores. Mas qual não é o seu espanto ao ver sua imaginação personificada à sua frente. O Grúfalo, de Julia Donaldson, é uma divertida fábula sobre os poderes da nossa imaginação. As bonitas ilustrações, de Axel Scheffler, complementam a graça do texto e convidam a acompanharmos o ratinho em seu passeio pela floresta”.

Na UC Fundamentos Teórico-práticos do Ensino das Artes Visuais estudamos a abordagem triangular proposta por Ana Mae Barbosa. Nesse estudo contemplamos o contexto da biografia do artista Axel Scheffer e do conto, o seu fazer artístico, o fazer artístico dos próprios monstros pelas crianças e o refletir sobre as imagens da história *O Grúfalo*.

Axel Scheffler é um ilustrador e animador alemão radicado em Londres. É mais conhecido por seus desenhos animados para livros infantis, particularmente *The Gruffalo* e *The Gruffalo's Child*, escrito por Julia Donaldson. Foi autor e ilustrou a série de livros de Pip e Posy para crianças.

Em visita ao site do artista <https://axelscheffler.com/> os próprios personagens apresentam as suas produções. Em *O que ele está tramando?* Axel convida à exposição de suas obras e conta a sua biografia, observe os desenhos: <https://axelscheffler.com/who-is-he>

Nascido em 1957 conta sobre a sua infância: “Nasci em Hamburgo, Alemanha, em 1957, e passei minha infância lá. Desde cedo, eu gostava de desenhar e, quando terminei os estudos, sabia que queria fazer algo relacionado à arte¹⁰”.

O artista apresenta os seus primeiros desenhos de quando era criança. Visitar esta página com as crianças é muito interessante e é possível elaborar uma tradução coletiva.

Em 1977, Axel conta que fez inscrição em uma escola de arte pois queria ser professor, mas foi rejeitado. Foi por isso que começou a estudar História da Arte em Hamburgo. Mas descobriu que não era acadêmico e desistiu da universidade.

Passou o ano de 1980 prestando um serviço nacional alternativo trabalhando nas casas de pessoas com doenças mentais, foi quando visitou um amigo que estudava em uma escola de arte na Inglaterra e se candidatou às vagas. Em 1982, Alex mudou para o Reino Unido para

¹⁰ Tradução realizada para esta pesquisa.

estudar Comunicação Visual na Academia de Artes de Bath em Corsham, no interior da Inglaterra cercado por ovelhas e pavões. Depois fez estudos em New York.

Mudou para Londres e começou a trabalhar como ilustrador freelancer. Mostrou o portfólio de trabalho para várias empresas na Inglaterra e na Alemanha e logo conseguiu trabalhos em ilustração editorial e publicitária, e livros infantis.

Veja o vídeo do artista criando o Grúfalo: <https://youtu.be/XfQ0vJV17sk>

O Discover Story Center, em Stratford, no leste de Londres, fez uma maravilhosa e imersiva exposição de "mini-mundo" para crianças que comemoram alguns dos livros que Julia Donaldson e Axel fizeram juntos. A exposição migrou para a Z-Arts em Manchester e estará lá até fevereiro de 2020.



Figura 7: Axel em sua mesa de desenho: o criador e a criatura Fonte: Sergio Santos

Toque nas pinturas inéditas: <https://axelscheffler.com/can-i-see-some-pictures>

Algumas respostas para perguntas que talvez você faria, a seguir estão traduzidas e reescritas. O artista, por meio de perguntas, escreve sobre a sua biografia: <https://axelscheffler.com/any-questions>

Quantos livros você ilustrou? De onde você tira a sua inspiração? Como ele diz não ser escritor ou contador de histórias, a inspiração vem sempre do texto de um autor. “Normalmente, as imagens vêm direto à minha cabeça quando leio a história e coloco no papel. A inspiração realmente vem de todas as coisas que vi e experimentei na minha vida”. Como se tornou ilustrador? Sempre desenhava como as crianças, mas não sabia que podia ganhar dinheiro com isso. Certo dia descobriu que poderia.

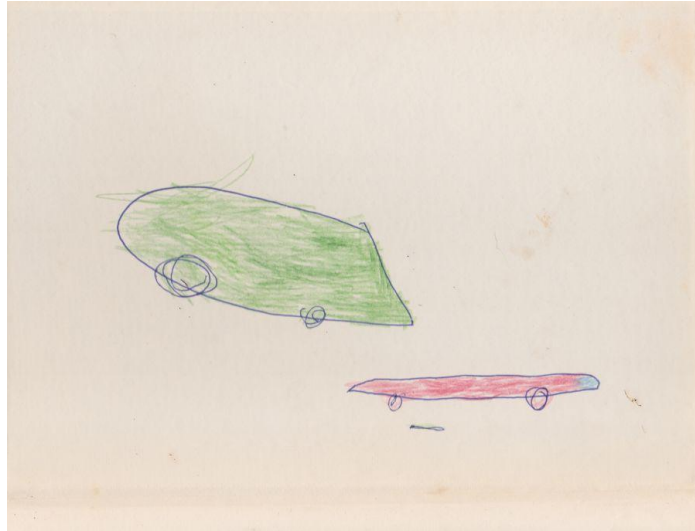


Figura 8: Desenho feito por Axel quando criança Fonte: Site do artista¹¹

Você nunca vai escrever suas próprias histórias? Certa vez, Axel fez uma história sobre um esquilo mas desistiu porque não tem ideias. Onde você trabalha? Trabalha em casa em uma mesa de desenho pequena e bagunçada e é assim há 27 anos, então tem que se contentar com isso.



Figura 9: Mesa de desenho do artista Fonte: Site do artista

¹¹ <https://axelscheffler.com/>

Qual livro ou personagem favorito que ilustrou? Gosta mais dos mais loucos, fantásticos e contos de fadas. Como é um processo de criação de um livro? Axel recebe a história escrita, lê e faz os esboços. Encontra com a escritora do livro, no caso do Grúfalo foi Julia Donaldson. Depois os editores de arte e a autora da história veem as imagens, se ficarem felizes começa o livro.

Como você ele faz as ilustrações? Conta que primeiro desenha, usa a mesa de luz, quando gosta usa aquarela e ecoline para pintar, usa caneta preta para dar contraste e guache branco para aplicar luz ou flocos de neve.

O que gostou de ler quando era criança? O artista explica que não tinha muitos livros, mas havia um especial que gostava e seu pai trouxera da Alemanha Oriental, era Petzi, as aventuras de um urso dinamarquês com seus amigos. Depois tornou-se leitor de Mickey Mouse e Pato Donald.

É verdade que há um Gruffalo escondido em todos os seus livros? Ele diz não poder revelar todos os seus segredos, mas sim ... há um Gruffalo escondido em algum lugar de cada um dos seus livros com Julia Donaldson.

Axel diz: Meus primeiros esboços do Gruffalo foram considerados "assustadores demais para crianças pequenas" pelo editor, então tive que fazê-lo um pouco mais redondo e mais "fofinho". Também pensei que todos os animais usariam roupas, como costumam fazer nos livros de gravuras. Mas Julia tinha idéias diferentes, e para ser honesto, fiquei aliviado ... como eu vesti a cobra?



Figura 10: Primeira versão do Grúfalo Fonte: Site do artista



Figura 11: versão assustadora do Grúfalo Fonte: Site do artista

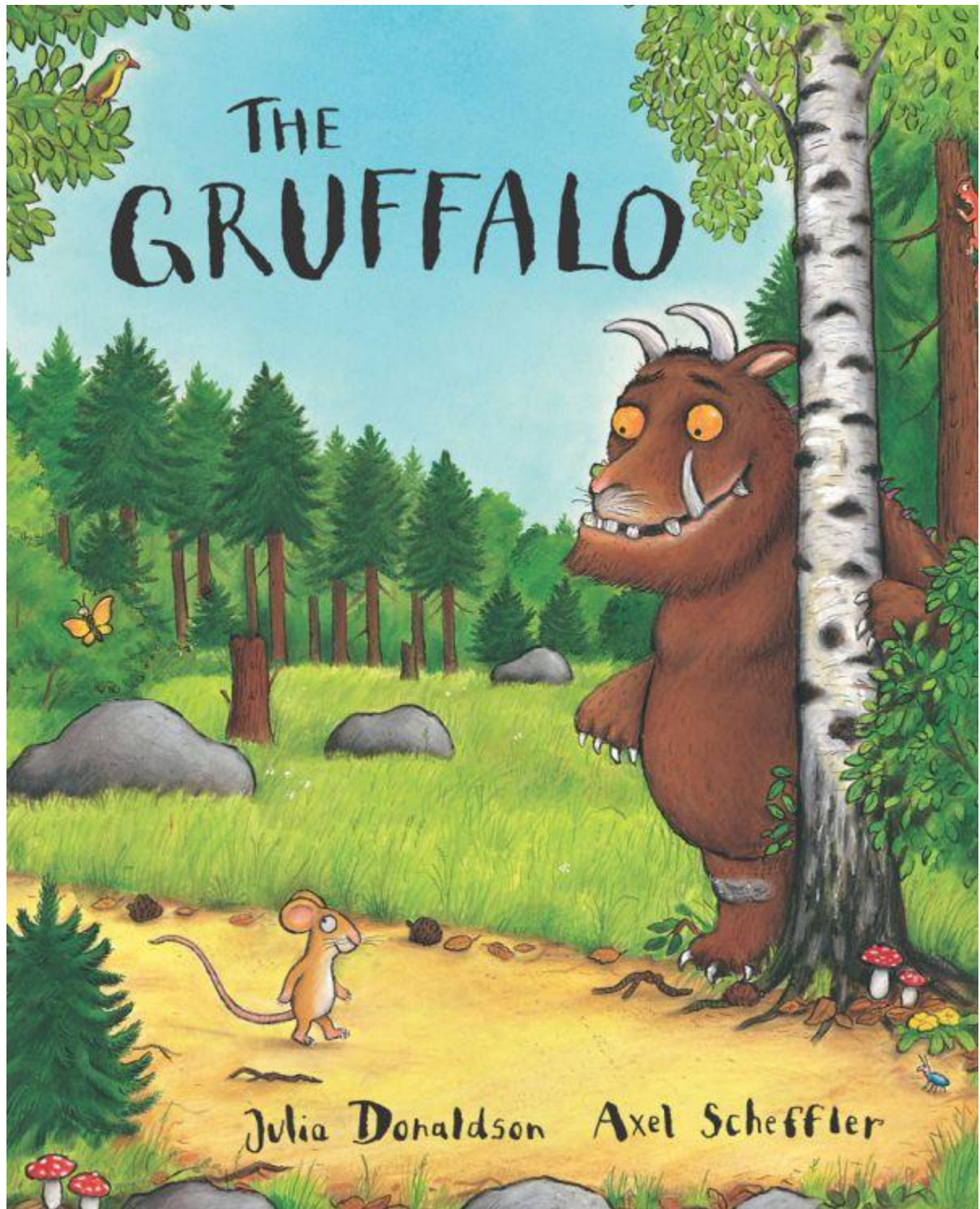


Figura 13: Capa do livro versão final do Grúfalo com formas mais arredondadas e sorriso

Fonte: Site do artista



Figura 14: detalhes do Grúfalo (joelhos e pata) Fonte: Livro O Grúfalo

Imagens que sugerem, imagens incompletas chamaram a nossa atenção na obra do Grúfalo. Esse é um tema importante na arte porque até a antiguidade clássica a humanidade representou uma imagem em todos os detalhes.



Figura 15: vaso grego no “Estilo de Figuras Negras” com Aquiles e Ajax jogando damas. Assinado por Exekias. Cerca de 540 a.C. Museu do Vaticano
AXIAEΩΣ (esquerda), ‘Aquiles’; AIANTOΣ (direita), ‘Ájax’
Fonte: greciantiga.org

Gombrich em A História da Arte (p. 42), detalha o momento em que a criação da imagem sofreu uma mudança qualitativa percebendo-se não ser necessário desenhar tudo em detalhe, isso ocorreu quando os povos das cidades gregas questionaram as crenças e os deuses. A ciência e a filosofia despertaram questionamentos e o modo de “representar” mudou, descobriram a imagem natural e o esboço,

A pintura desses vasos desenvolveu-se numa importante indústria em Atenas e os humildes artífices empregados nessas oficinas estavam tão ávidos quanto os outros artistas por introduzirem as mais recentes descobertas em seus produtos. Nos primeiros vasos, pintados no século VI a.C., ainda encontramos vestígios dos métodos egípcios (fig. 48). Vemos os dois heróis de Homero, Aquiles e Ajax, jogando damas na lenda deles. Ambas as figuras ainda são rigorosamente mostradas de perfil. Seus olhos ainda parecem ser vistos de frente. Mas os corpos já não são desenhados a maneira egípcia, nem os braços e mãos estão dispostos com a mesma clareza e rigidez de antanho. O pintor tinha obviamente tentado imaginar que aspecto seria, na realidade, o de duas pessoas colocadas frente a frente e absorvidas num jogo. **Já não receava mostrar apenas uma pequena parte da mão esquerda de Aquiles, estando o resto escondido atrás do ombro. Já não pensava que tudo o que ele sabia estar ali tinha também que ser mostrado.** Uma vez quebrada essa antiga regra, uma vez que o artista começou a confiar no que seus olhos viam, desencadeou-se uma verdadeira avalanche. Os pintores fizeram a maior de todas as descobertas — a descoberta do escoreço. Foi um tremendo momento na história da arte quando, talvez um pouco antes de 500 a.C., os artistas se atreveram pela primeira vez em toda a história a pintar um pé tal como é visto de frente. Em todos os milhares de obras.

(...)

Um vaso grego mostra com que orgulho essa descoberta foi adotada. (...) A grande revolução da arte grega, a descoberta de formas naturais e do escoreço, ocorreu numa época que é, de todo em todo, o mais assombroso período da história humana. É a época em que o povo das cidades gregas começou a contestar as antigas tradições e lendas sobre os deuses, e a investigar sem preconceitos a natureza das coisas. É o período em que a ciência, tal como entendemos hoje o termo, e a filosofia despertam pela primeira vez entre os homens, e em que o teatro se desenvolveu a partir das cerimônias em honra de Dioniso.

Isto é um procedimento artístico que muito acontece nas histórias em quadrinhos e em filmes de arte, você coloca um pedaço da imagem e o leitor completa com a sua leitura visual.

Vamos finalizando a pesquisa e deixando aqui uma inquietação sobre os chamados “desenhos pedagógicos” que além de óbvios não preparam o olhar das crianças para imagens mais elaboradas, incompletas e com nuances de cor. Para uma revolução na escola brasileira seria necessário enviar para museus de história da educação as “pastas de datas comemorativas”, aboli-las da escola, estudar os sites de ilustradores e demais artistas oportunizando as mais diversas imagens de arte.

Considerações finais

Ao iniciar a licenciatura, nós como professores polivalentes, somos levados a pensar sobre a educação e tudo o que a engloba. Desde sua história até ao ensino-aprendizagem dentro da sala de aula.

E conforme os semestres passam, algo irá chamar sua atenção e despertá-lo para querer conhecer mais. Foi assim em relação ao ensino e aprendizagem da Arte. Ainda que os documentos orientem o professor e a escola como devem trabalhar essa linguagem, é possível enxergar uma defasagem em seu ensino, no qual mesmo sendo um direito da criança, não é colocado em prática.

Essa experiência abriu outros caminhos para dúvidas e questionamentos que surgiram em relação à Arte-Educação. Entender através da história o porquê de ela hoje ser enxergada como uma prática acessível apenas a alguns.

E como isso pode refletir nas escolas, quando falamos em ensinar arte as crianças. Elas com seus anseios e visões de mundo podem encontrar na arte uma maneira de se expressarem. Não simplesmente dependendo do papel e do lápis, mas de outros tantos recursos que a arte pode oferecer, sendo um deles abordado aqui, o desenho e o trabalho manual.

A partir de sua imaginação, juntamente com a autonomia que pode ser ofertada, as crianças conseguem surpreender na hora de exteriorizarem suas ideias ao mundo, que as vezes precisam ficar guardadas em suas mentes, pois a cultura escolar ainda não descobriu o poder que as artes possuem para o ensino e aprendizagem delas.

Por isso, cabe aos professores buscarem uma formação que consiga atingir todos as linguagens. Ainda que seja vista de uma maneira trabalhosa pois exige estudo, a transdisciplinaridade, possui esse papel, levar o educador a olhar para as suas práticas educacionais e ver qual o melhor caminho para unificar todas elas, sempre levando em consideração o sujeito para o qual ela será apresentada, as crianças.

Enxergarmos a arte, não como um passatempo dentro da sala de aula, mas sim como uma linguagem única, munidas de suas particularidades que conseguem cativar adultos e crianças quando apresentada da maneira correta. Tendo a consciência do que estamos apresentando e o que se espera com ela.

Sendo assim, a escola juntamente com seu corpo docente, precisa começar a olhar para as artes e enxergá-las como conhecimentos para uma aprendizagem significativa pelas crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arte! Brasileiros. Juca Ferreira: **Bolsonaro “resolveu declarar guerra à arte e à cultura”**. Marcos Grinspum Ferraz -26 de abril de 2019

Arte/educação contemporânea : consonâncias internacionais / Ana Mae Barbosa (org) - 3. ed,- São Paulo : Cortez, 2010.

Arte-educação : experiência, questões e possibilidades / organizadores Luiza Helena da Silva Christov, Simone Ap. Ribeiro de Mattos ; prefácio Mario Fernando Bolognesi. -- 1. ed. - - São Paulo : Expressão e Arte Editora, 2006.

Artes visuais nos anos iniciais do ensino fundamental [recurso eletrônico] / coordenação Betania Libanio Dantas de Araujo. - 1. ed. - São Paulo : Alameda, 2017. recurso digital (Caderno de residência pedagógica).

BAEZA, Fernanda Lucia Capitanio e SOARES, Paulo Fernando Bittencourt. **Vivências psíquicas da infância no filme "Onde Vivem os Monstros"**. Rev. bras. psicoter. 2013; 15(2):39-51

BARBOSA, Ana Mae. **Redesenhando o desenho: educadores, política e história**. São Paulo: Cortez, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

BRASIL de Fato. **“Política cultural do Bolsonaro é anticultural”. Especialistas dizem que extinção de Ministério da Cultura ameaça principais ações do setor**. Pedro Rafael Vilela. Brasil de Fato | Brasília (DF), 11 de Janeiro de 2019

CNE. **Resolução CNE/CP 2/2002**. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p.9.

CRUZ, Shirleide Pereira da Silva; NETO, José Batista. **A polivalência no contexto da docência nos anos iniciais da escolarização básica: refletindo sobre experiências de pesquisas.** *Revista Brasileira de Educação*. v. 17 n. 50 maio-ago. 2012. p. 385 - 499.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **Por que arte-educação?** / João-Francisco Duarte Junior. – 7ª ed. – Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Àgere).

FARIA; FLAVIANO; GUIMARÃES; FALEIRO. **A influência da contação de histórias na educação infantil.** *Mediação, Pires do Rio - GO*, v. 12, n. 1, p. 30-48, jan.- dez. 2017, p.31

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** / Paulo Freire. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

GAUTHIER, C. **O século XVII e o problema do método no ensino ou o nascimento da pedagogia.** In: GAUTHIER, C.; TARDIF, M. *A pedagogia. Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias.* Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010, p. 126-144 e 148.

JUNIOR, Amarílio Ferreira.; BITTAR, Marisa. **Artes liberais e ofícios mecânicos nos colégios jesuíticos do Brasil colonial.** *Revista Brasileira de Educação* v. 17 n. 51 set.-dez. 2012. p.693 – 751

Manual de Residência Pedagógica: UNIFESP / coordenação Cláudia Lemos Vóvio. - São Paulo: Porto de Idéias, 2014.

MATTAR, Sumaya. **O educador e seu processo criativo.** P. 4-8. In: *Aperfeiçoamento em Educação Infantil, Infâncias e Arte.* São Paulo: Comfor/Unifesp, 2015.
Disponível em:

http://www.comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/biblioteca_virtual/EIIA/mod1/Mod1Aula3.pdf.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil** / Florence de Mèredieu; tradução de Álvaro Lorencini, Sandra M. Nitrini. 11º ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Curricular: Quadro de Saberes Necessários (QSN).** Guarulhos. SP: SME, 2009.

SMOLKA, Ana Luíza e LAPLANE, Adriana Friszman de. **Processos de cultura e internalização.** *Revista Viver Mente e Cérebro. Coleção memória da Pedagogia.* 2005. (Disponibilizado em pdf)

VIGOTSKI, LEV S. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Editora Ática, 2009.

ANEXOS



Figura 15: momento de criação do grúfalo Fonte: autor



Figura 16: após produzirem as suas massas, as crianças modelam e pintam os seus grúfalos
Fonte: autor



Figura 17: imagem completa das crianças apresentando os seus grúfalos pintados em ambientes naturais e abertos cheios de detalhes Fonte: autor



Figura 18: a mesa foi forrada com papel craft para que trabalhassem com desenvoltura. Nesse momento experimentam a aquarela sobre a modelagem. A variedade de cores facilita a experimentação e descoberta Fonte: autor



faz parte

Figura 19 FAZ PARTE Fonte: Autores